

DCH - CAMPUS V  
Departamento  
de Ciências Humanas



**UNEB**  
UNIVERSIDADE DO  
ESTADO DA BAHIA

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA HUMANAS-CAMPUS V  
COLEGIADO DE LETRAS -LINGUA INGLESA E LITERATURA

IRIS DE JESUS FERREIRA

**CONFLITOS RELIGIOSOS E PRÁTICAS CULTURAIS NO ROMANCE O MUNDO  
SE DESPEDAÇA: UMA ANÁLISE DAS REFERÊNCIAS DO PERSONAGEM  
OKONKWO**

Santo Antônio de Jesus  
2023

IRIS DE JESUS FERREIRA

**CONFLITOS RELIGIOSOS E PRÁTICAS CULTURAIS NO ROMANCE O MUNDO  
SE DESPEDAÇA: UMA ANÁLISE DAS REFERÊNCIAS DO PERSONAGEM  
OKONKWO**

Monografia apresentada á disciplina Trabalho de conclusão de Curso, semestre 2023.2 do curso de Letras -Língua Inglesa e Literatura da universidade estadual da Bahia-UNEB, como parte dos requisitos necessários à obtenção de grau de licenciatura em de Letras -Língua Inglesa e Literatura.

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Alyxandra Gomes Nunes

Santo Antonio de Jesus  
2023

IRIS DE JESUS FERREIRA


**CONFLITOS RELIGIOSOS E PRÁTICAS CULTURAIS NO ROMANCE O MUNDO  
SE DESPEDAÇA: UMA ANÁLISE DAS REFERÊNCIAS DO PERSONAGEM  
OKONKWO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como critério parcial para a obtenção da graduação no curso de Letras Língua Inglesa e Literaturas.

Aprovada em: Santo Antônio de Jesus, 17 de dezembro de 2023.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alyxandra Gomes Nunes - (UNEB)

  
Prof.<sup>a</sup> Ma. Maria Carolina Almeida de Azevedo - (UFRRJ)

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sally Cheryl Ikipin - (UNEB)

Santo Antônio de Jesus  
2023

## DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia, a minha mãe Oxum Opará dona do meu Ori, que me dá discernimento, sabedoria e renova minhas forças espirituais, ressignificando todos os dias a minha fé e meu caminho. Dedico também, a um grande homem, Adeilton Menezes, a quem chamo de meu Anjo, O qual também é meu Orientador espiritual / Babalorixá Adeilton de Oxalufan, que sempre me dá forças e nunca me deixa desistir reafirmando todos os dias o quanto sou importante e capaz de superar todos os obstáculos encontrados no meu caminho, que me dá força constantemente e é a base que me leva a todas as minhas pequenas e grandes conquistas e vitórias. A minha Gratidão e o meu muito obrigado!

## EPÍGRAFE

“Se você não tem confiança em si mesmo, você é derrotado duas vezes na corrida da vida. Com confiança você ganhou mesmo antes de começar.” — Marcus Garvey

## **RESUMO**

Este trabalho busca explorar as complexidades dos conflitos culturais e das práticas religiosas na obra literária "O Mundo se Despedaça" de Chinua Achebe. Situado em uma comunidade Igbo durante o período colonial na Nigéria, o romance destaca a interseção entre as crenças tradicionais africanas e a imposição do cristianismo pelos colonizadores europeus. O foco recai sobre as narrativas de resistência, adaptação e transformação, à medida que os personagens enfrentam as mudanças sociais e religiosas que abalam suas tradições. Ao analisar os conflitos entre a cosmovisão Igbo e as influências cristãs, este estudo visa oferecer insights sobre as dinâmicas culturais e espirituais em um contexto pós-colonial, enfatizando o papel central da religião na tessitura desses conflitos. A obra "O Mundo se Despedaça" de Chinua Achebe serve como um poderoso microcosmo que reflete os impactos profundos e multifacetados da colonização na sociedade Igbo. Um dos elementos cruciais abordados é o choque entre as práticas religiosas tradicionais dos Igbo e a chegada do cristianismo, simbolizado pelos missionários europeus. No centro do conflito está a dualidade entre as crenças dos Igbo, que veneram uma multiplicidade de deuses e espíritos conectados à natureza e à ancestralidade, e o cristianismo, que proclama a adoração de um Deus único. Este choque teológico resulta em tensões sociais e individuais, manifestando-se através de personagens como Okonkwo, cuja resistência às mudanças o leva a um destino trágico. Em última análise, a obra de Achebe revela a fragilidade das estruturas culturais diante do impacto da colonização, especificamente no que diz respeito às práticas religiosas. O conflito entre as crenças tradicionais e os valores cristãos é um componente central que ilustra as lutas mais amplas por autonomia cultural e identidade em um mundo que se despedaça. Este estudo pretende explorar mais profundamente essas dinâmicas, proporcionando uma compreensão mais abrangente das implicações culturais e religiosas presentes na narrativa de Chinua Achebe.

**Palavras chave:** Conflitos; Religiosidade; Igbos; Colonização; Ancestralidade.

## **ABSTRACT**

This work seeks to explore the complexities of cultural conflicts and religious practices in the literary work "The World Shatters Apart" by Chinua Achebe. Set in an Igbo community during the colonial period in Nigeria, the novel highlights the intersection between traditional African beliefs and the imposition of Christianity by European colonizers. The focus is on narratives of resistance, adaptation and transformation, as the characters face social and religious changes that shake their traditions. By analyzing the conflicts between the Igbo worldview and Christian influences, this study aims to offer insights into cultural and spiritual dynamics in a post-colonial context, emphasizing the central role of religion in the fabric of these conflicts. Chinua Achebe's "The World Shatters Apart" serves as a powerful microcosm that reflects the profound and multifaceted impacts of colonization on Igbo society. One of the crucial elements addressed is the clash between the traditional religious practices of the Igbo and the arrival of Christianity, symbolized by European missionaries. At the heart of the conflict is the duality between Igbo beliefs, which venerate a multiplicity of gods and spirits connected to nature and ancestry, and Christianity, which proclaims the worship of a single God. This theological clash results in social and individual tensions, manifesting itself through characters like Okonkwo, whose resistance to change leads him to a tragic fate. Ultimately, Achebe's work reveals the fragility of cultural structures in the face of the impact of colonization, specifically with regard to religious practices. The conflict between traditional beliefs and Christian values is a central component that illustrates broader struggles for cultural autonomy and identity in a world falling apart. This study aims to explore these dynamics in more depth, providing a more comprehensive understanding of the cultural and religious implications present in Chinua Achebe's narrative.

**Keywords:** Conflicts; Religiosity; Igbos; Colonization; Ancestry.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 CHINUA ACHEBE E A LITERATURA.....</b>	<b>12</b>
2.1 O Processo De Influencia Para A Escrita Do Romance.....	15
2.2 O Racismo Explicito Em Heart Of Darkness.....	17
<b>3 A ESCOLHA DE ACHEBE POR NÃO PUBLICAR EM LÍNGUA IGBO.....</b>	<b>18</b>
3.1 O Resgate De Voz E De Identidade.....	20
3.2 O Romance Em Três Capítulos.....	22
<b>4 A TRAJETÓRIA DE OKONKWO COMO SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA.....</b>	<b>22</b>
<b>5 OKONKWO: GUARDIÃO DA TRADIÇÃO E DA ESPIRITUALIDADE IGBO.....</b>	<b>25</b>
<b>6 O CHOQUE DE MUNDOS: A RELIGIÃO IGBO FRENTE À COLONIZAÇÃO.....</b>	<b>27</b>
<b>7 ECOS DE RESISTÊNCIA: DIÁLOGO ENTRE IGBO E COLONIZADOR.....</b>	<b>30</b>
<b>8 COSMOVISÃO IGBO E A RELIGIÃO ODINANI: DEUSES, ANCESTRAIS E O CHI.....</b>	<b>33</b>
8.1 O Chi E Os Ancestrais: Forças Espirituais Que Moldam O Destino.....	35
8.2 Manifestações Religiosas Na Crença Igbo: Ritos E Simbolismo.....	40
8.3 A Casa De Feitiço E O Papel Dos Oráculos.....	42
<b>9 A ORALIDADE COMO FERRAMENTA RELIGIOSA DE PERPETUAÇÃO.....</b>	<b>44</b>
<b>10 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
<b>11 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>49</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Durante séculos, o continente africano teve obscurecida a sua história e foram saqueados os seus direitos a voz, o seu lugar na sociedade e sua identidade. A falta do conhecimento sobre a religiosidade e as cresças do povo africano, alimenta há décadas o círculo vicioso de injúria racial, desvalorizando a identidade de um povo que sofreu e sofre com os impactos do colonialismo, até os dias atuais.

Na citação a seguir, Mignolo destaca a importância do deslocamento das epistemologias privilegiadas, o que implica questionar e desafiar as formas de conhecimento que historicamente foram consideradas dominantes ou "centradas". Ele sugere que esse deslocamento é crucial para compreender não apenas o objeto de pesquisa, mas também a perspectiva do próprio pesquisador.

o discurso colonial e pós-colonial” não é apenas um novo campo de estudo ou uma mina de ouro para a extração de novas riquezas, mas condição para a possibilidade de se constituírem novos loci de enunciação e para a reflexão e de que o “conhecimento e compreensão” acadêmicos devem ser complementados pelo “aprender com” aqueles que vivem e refletem a partir de legados coloniais e pós-coloniais. (MIGNOLO, 1993a, p. 129-131; grifo meu).

Além disso, Mignolo parece enfatizar a necessidade de os pesquisadores refletirem sobre seus próprios posicionamentos dentro dos sistemas de produção de conhecimento, reconhecendo como suas formações são moldadas por um imaginário marcado pela colonialidade. Isso implica uma autoconsciência crítica sobre como as estruturas coloniais influenciam a maneira como pensamos, produzimos

Pesquisar o conflito religioso e seus impactos sobre esse povo, através do romance *O Mundo se Despedaça* (2009), escrito com ricos detalhes por Chinua Achebe, é compreender para conhecer a si mesmo e sua ancestralidade, seus deuses, seus ritos e cultos. É, ainda, desmistificar o que foi dito por literaturas escritas por brancos europeus — opressores — sobre os negros africanos.

A Nigéria é o país mais populoso do continente africano, com uma população estimada em 237,5 milhões de habitantes em 2025, representando cerca de 2,89% da população mundial. É também o país com a maior população negra do mundo. O Brasil, por sua vez, possui a maior população afrodescendente fora da África, com cerca de 134 milhões de pessoas. Nesse sentido, a Nigéria é o país que mais contribuiu para a formação da religião e religiosidades de negro no Brasil, como, por exemplo: o candomblé de matriz africana. Mas essas e outras

informações sobre o continente africano acima mencionado ainda é desconhecido atualmente por muitos.

Diante disso, analisar-se, de que modo a religiosidade do povo da etnia Igbo é representada no romance *O Mundo se Despedaça* de Chinua Achebe(2009)? Que referências são feitas a essa religiosidade através do personagem Okonkwo neste romance de Achebe? De que modo o foco narrativo permite perceber e ou descrever a relação das práticas religiosas do povo Igbo através do personagem Okonkwo? De que modo a cultura ocidental cristã descrita no romance interferiu na religiosidade do povo Igbo?

O romance, é considerado uma obra fundadora da literatura nigeriana contemporânea e uma das mais importantes literaturas africanas do século XX. Publicado originalmente em 1958, dois anos antes da independência da Nigéria, A literatura retrata a vida de um guerreiro da etnia Igbo, Okonkwo, e os impactos da colonização britânica sobre cultura, sociedade e religião deste povo.

A citação de Chinua Achebe destaca a capacidade transformadora da boa literatura, especialmente no contexto da identificação com experiências e perspectivas distantes das nossas. Achebe enfatiza que o verdadeiro poder da literatura reside na capacidade de nos fazer compreender e identificar com situações vivenciadas por pessoas que estão geograficamente distantes, culturalmente diversas e possuem experiências de vida singulares. Segundo o autor:

responder à mesma história, se isso significa algo para eles além de suas próprias histórias e experiências. (...) isso é o que a boa literatura pode fazer – ela pode nos fazer identificar-nos com situações de pessoas de longe. Se ela faz isso, é um milagre. Eu digo aos meus alunos, não é difícil se identificar com alguém como você, alguém próximo que se parece com você. O que é o mais difícil é se identificar com alguém que você não vê, que está muito longe, que tem uma cor diferente, que come um tipo de comida diferente. Quando você começa a fazer isso com a literatura está realizando um prodígio. (ACHEBE, 2003).

O autor ressalta que quando a literatura consegue ultrapassar essas barreiras aparentemente intransponíveis e nos faz sentir uma conexão empática com personagens e situações tão diferentes das nossas, isso é verdadeiramente notável, milagroso. Achebe sugere que esse é um dos grandes feitos da literatura: expandir nossa empatia, derrubar fronteiras culturais e permitir uma compreensão mais profunda e humana das diversas facetas da experiência humana.

Através da narrativa de Achebe, podemos observar como os valores, as tradições e as crenças dos Igbos são colocadas em choque pelos missionários cristãos que trazem consigo uma nova forma de governo, de educação e de justiça. O romance mostra, assim, os conflitos

religiosos que surgem entre os Igbos e os colonizadores, bem como entre os próprios Igbos que se convertem ao cristianismo ou resistem a ele.

Os efeitos da colonização branca na África foram profundamente devastadores, especialmente no campo espiritual e cultural. Chinua Achebe, em *O Mundo se Despedaça*, retrata com precisão as consequências da desagregação da religião e da religiosidade do povo Igbo, levadas ao extremo pela imposição de um catolicismo europeu que buscou, sistematicamente, sepultar as tradições africanas.

Essas práticas ancestrais foram consideradas pelos colonizadores como bárbaras, profanas e demoníacas, refletindo o processo descrito por Valentin Yves Mudimbe em sua crítica à gnose africana. Segundo Mudimbe, o saber sobre a África foi historicamente construído por discursos eurocêntricos que inventaram uma imagem distorcida do continente, apagando seus sistemas próprios de conhecimento e espiritualidade.

O protagonista Okonkwo encarna essa tensão: sua resistência à conversão religiosa e à destruição das tradições Igbo revela a tirania colonial e o despedaçamento de sua fé, cultura e identidade. O mundo de Okonkwo, assim como o da sua comunidade, é desmoronado, culminando em seu fim trágico, o suicídio, como símbolo da ruptura entre o saber africano e a epistemologia imposta pelo colonizador.

Cada vez mais, a literatura nigeriana contemporânea desempenha um papel fundamental na formação da identidade individual, ao oferecer narrativas que dialogam com questões culturais, históricas e sociais do país. O entendimento e a consciência sobre quem somos e de onde viemos são essenciais não apenas para o desenvolvimento intelectual, mas também para a construção de uma cidadania negra consciente, tanto no contexto africano quanto na diáspora. Ao resgatar memórias, tradições e experiências coletivas, essas obras literárias contribuem para o fortalecimento da autoestima, da resistência cultural e da valorização das raízes africanas.

Muitos são os esforços para desconstruir pensamentos errôneos e parâmetros enraizados na sociedade ao longo dos milhares de anos sobre os povos africanos, principalmente sobre suas crenças, sua religião e sua religiosidade. Atualmente a Nigéria passa por conflitos religiosos e muitos deles se iniciaram no período colonial. Desse modo, fica claro também a importância de pesquisa e refletir sobre o tema para entender atualmente os conflitos e manifestações de injúria racial de cunho religioso.

Diante da relevância do tema, os resultados desta pesquisa poderão contribuir para o aprofundamento e discussões sobre como combater o racismo, intolerância religiosa, defender as riquezas das diversidades religiosas e respeitar as culturas de matriz africana e diáspora. Cada passo na direção da igualdade é uma vitória contra a ignorância. Bem como, a melhora da auto

estima de descendentes das etnias africanas nas suas relações consigo mesmo e com as culturas predominantes em que estão inseridos na África ou fora dela.

Para os descendentes africanos, essa é uma luta que não se trata apenas da importância das literaturas escritas por negros, que vivenciaram todo o processo devastador do colonialismo e resistiram à diáspora do seu povo. Trata-se também da reconstrução de uma identidade destruída pelo ato de colonizar; é conhecer a si mesmo e aprofundar-se na cultura, nos costumes, nas crenças, na religião e na religiosidade que, atualmente, são cultuadas e vividas no mundo inteiro.

O objetivo desta pesquisa é analisar como as práticas e os conflitos religiosos são representados no romance de Chinua Achebe, quais são as suas causas, as suas consequências e os seus significados. Para isso, utilizaremos como referencial teórico os conceitos de religião, de identidade, de alteridade e de resistência, além de revisar a história da África e da colonização da Nigéria e da cultura Igbo.

Também se faz um breve estudo sobre a biografia e a obra de Chinua Achebe, destacando o seu papel como escritor e como crítico da representação dos povos africanos na literatura ocidental. Espero que esta pesquisa contribua para o conhecimento e a valorização da literatura africana, bem como para a reflexão sobre os temas da diversidade religiosa, da tolerância e do diálogo intercultural para a valorização da religião e religiosidade africanas Igbo e de forma geral.

## **2 CHINUA ACHEBE E A LITERATURA**

Chinua Achebe como é carinhosamente chamado por todos, foi reconhecido como um dos maiores romancistas do século XX, Achebe foi também poeta e crítico literário nigeriano, sendo considerado o pai da literatura africana moderna. Ele nasceu em 1930, no vilarejo de Ogidi, na Nigéria colonial, e foi educado tanto na cultura ocidental quanto na tradição Igbo, seu grupo étnico. Formou-se em artes liberais na Universidade de Ibadan e iniciou sua carreira literária com o romance *Things Fall Apart* (1958), que retrata o conflito religioso e cultural entre os Igbos e o colonialismo britânico.

Achebe escreveu cerca de 30 livros — entre romances, contos, ensaios e poesias — que abordam temas como a história, a religiosidade, a cultura, a política e a identidade da África. Ele foi um crítico da visão estereotipada e depreciativa que os autores ocidentais tinham sobre o continente africano, e defendeu a valorização das ancestralidades, das divindades e das diversidades culturais. O autor recebeu vários prêmios e honrarias por sua obra, com destaque para o Prêmio Internacional Man Booker, em 2007.

Ele morreu em 2013, nos Estados Unidos, onde lecionava na Universidade de Brown. Achebe é considerado pelos críticos literários como o fundador da moderna literatura nigeriana, num sentido que abre caminho, que findar base e estabelece caminhos a seguir com o seu romance.

A obra *O Mundo se Despedaça*, (2009) de Chinua Achebe é considerada um clássico da literatura africana e mundial. O romance narra a trajetória de Okonkwo, um líder guerreiro do povo Igbo, uma etnia africana composta por pessoas pretas — cuja cultura, identidade e existência são violentamente ameaçadas pelo colonialismo britânico, marcado por profundas estruturas racistas.

Porque quando um povo preto como os Igbo foi colonizado por europeus brancos, não é só uma dominação política é também racial. O racismo se manifesta na forma como suas culturas são tratadas como “inferiores”, como suas religiões são apagadas, e como suas vidas são desvalorizadas.

No século XIX antes da colonização o território que hoje chamamos de Nigéria era habitado por diversos povos e etnias, como: Igbo (sudeste), Yorùbá (sudoeste) e Hausa-Fulani (norte) e entre outros grupos menores. Essas comunidades tinham sistemas próprios de governo, espiritualidade, comércio e cultura. Não existia uma “Nigéria” como país — isso só foi criado pelos britânicos no início do século XX.

Essas etnias eram compostas por pessoas negras, e não havia presença significativa de outros grupos raciais dentro dessas comunidades. Então, no contexto do século XIX, especialmente entre os Igbo, a população era inteiramente preta, e isso torna o impacto do colonialismo ainda mais cruel e racista.

Dessa maneira, é relevante analisar que o colonialismo não foi apenas uma invasão territorial, foi uma imposição violenta sobre um povo preto autônomo. De igual modo, a destruição cultural e espiritual dos Igbo foi feita por europeus brancos que viam esses povos como “inferiores”. Além disso, o racismo estava presente desde o início, mesmo antes da escravidão ser formalmente abolida.

Através de uma narrativa envolvente e rica em detalhes, Achebe retrata a complexidade e a diversidade das tradições, dos costumes e dos valores dos povos Igbo africanos, bem como os conflitos religiosos e as transformações provocadas pelo contato com a crença dos europeus. Essa é uma obra que questiona os estereótipos e os preconceitos sobre a África e seu povo no geral, ao mesmo tempo em que celebra a resistência e a dignidade de seu povo.

"Things Fall Apart" é o primeiro e mais importante romance de Chinua Achebe. Lançado originalmente em 1958, dois anos antes da independência da Nigéria, a obra lhe rendeu

diversos prêmios ao longo da vida. Apesar de seu impacto global, o romance só foi traduzido para o português do Brasil em 2009, com o título *O mundo se despedaça*. Antes disso, já havia sido traduzido para mais de quarenta línguas, número que posteriormente ultrapassou cinquenta traduções. Com milhões de cópias vendidas mundialmente, o livro é considerado um clássico da literatura universal.

Muito antes de chegar às livrarias e ser um sucesso o romance passou por um processo minucioso e delicado de análise e tradução, para esse trabalho tinha que ser alguém mais que qualificado. Precisava ser alguém que conhecesse África de dentro e que conhecesse bem o escritor nigeriano Achebe, Alberto e Vera eram essas pessoas.

Alberto da Costa e Silva é um diplomata, historiador e poeta brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras e sua esposa Vera Queiroz da Costa e Silva é uma tradutora e professora de língua inglesa. Bem como, juntos traduziram o livro e o título como *O mundo se despedaça*, publicado pela primeira vez em 2009 pela editora Companhia das Letras. A tradução de Vera Queiroz da Costa e Silva foi elogiada pela crítica literária e pelos leitores, por preservar a beleza e a força da linguagem original de Achebe.

Devo ressaltar a relevância documental dessa obra para o resgate da sociedade preta não só africana, mas também da diáspora em outras partes do mundo. Ao analisar a publicação de junho de 2018 da Revista Periférica (v.10, n.1, p.140–158), intitulada “O mundo se despedaça na sala de aula: contra-narrativas, olhares por dentro e o ensino de história (da África) e literatura”, Barbosa e Gomes afirmam: “nesse caso o romance é um documento cultural, situado no seio de uma cena literária africana emergente, escrita por alguém que teve oportunidade de lidar com certas narrativas sobre um acontecido.”

A escolha do termo “sociedade preta” neste contexto não é casual, mas sim uma opção politicamente situada e alinhada às discussões contemporâneas sobre identidade racial e resistência. Autores como Lélia Gonzalez e Abdias do Nascimento defendem o uso de “preto” como forma de afirmação e ruptura com discursos que suavizam ou invisibilizam a experiência negra. O vocábulo carrega uma carga histórica de marginalização, mas também de potência, sendo ressignificado por movimentos sociais como o Movimento Negro Unificado. Assim, ao empregar essa nomenclatura, busco reconhecer e valorizar a centralidade da vivência preta na construção da memória, da cultura e da luta antirracista.

Nesse sentido, é relevante reconhecer que alguns escritores dialogam com a memória — seja ela individual ou coletiva — como ferramenta de reconstrução histórica e cultural. Passavento (2013) afirma que “a literatura é sempre um registro privilegiado do seu tempo”, reforçando a ideia de que obras literárias não apenas narram, mas também preservam e

reinterpretam experiências vividas. Dessa forma, escritores como Chinua Achebe constroem redes de significados que os ajudam a compreender e representar o passado, transformando a memória em matéria literária e política.

O título do romance *Things Fall Apart*, de Chinua Achebe, é inspirado no verso “Things fall apart; the centre cannot hold”, do poema *The Second Coming*, escrito por William Butler Yeats em 1919, logo após a Primeira Guerra Mundial. O poema expressa uma visão apocalíptica do mundo em colapso, e Achebe ressignifica esse verso para refletir sobre a desintegração das estruturas sociais africanas diante do colonialismo. Achebe usou esse verso como uma metáfora para descrever a situação da África diante do colonialismo europeu, que destruiu as tradições e culturas locais, provocando conflitos religiosos e crises sociais. O autor mostra como o mundo do povo da etnia Igbo, na Nigéria, se desintegra com a chegada dos colonizadores, que impõem sua religião, sua língua e suas leis.

Essa imposição colonial pode ser compreendida à luz da teoria da colonialidade do poder, desenvolvida por Aníbal Quijano. Segundo o autor, “a colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista”, sustentado pela “imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder” e que opera em todas as dimensões — materiais e subjetivas — da vida social (QUIJANO, 2009, p.73). Assim, a narrativa de Achebe não apenas denuncia a violência colonial, mas também revela os mecanismos profundos de dominação que estruturam a modernidade.

## 2.1 O Processo De Influencia Para A Escrita Do Romance

Dentro desse contexto, é natural questionar quais foram as influências e os processos vivenciados por Chinua Achebe na produção de *O Mundo Se Despedaça*? A construção do romance, foi resultado de um percurso complexo e enriquecedor ao longo da trajetória do autor. Achebe foi influenciado por diversos fatores, como o contexto histórico em que viveu, suas experiências pessoais, sua visão crítica da sociedade e suas escolhas linguísticas. Inspirou-se em sua própria infância, marcada pela convivência com as tradições e línguas Igbo, bem como por sua educação ocidental, na qual teve contato com obras que retratavam a África de maneira negativa e estereotipada.

O romancista também teve influência de escritores que o precederam, como o escritor yorubá Amós Tutuola, cuja obra *The Palm-Wine Drinkard*, publicada em 1952, foi pioneira em positivar os costumes e as crenças de um povo africano, criticado por alguns escritores das épocas por “descrever um personagem embriagado, sem o domínio da língua inglesa e

totalmente supersticioso, levando a ideia de um povo yorùbá aos moldes essencialistas.” Por outro lado:

alguns intelectuais foram a favor de Tutuola, analisando seu texto como um novo conceito literário, que expõe a cultura e riqueza religiosa africana, rompe os padrões estéticos e linguístico europeu e critica o consumismo ocidental, bem como os males da inserção cultural hegemônica (branca-europeia-cristã) nas sociedades tradicionais da África. Um destes intelectuais era Chinua Achebe, que anos depois, seguiria o caminho de Amós Tutuola, escrevendo seu best-seller *Things Fall Apart* (PARADISO, 2014, p. 22-23).

Achebe escreveu *Things Fall Apart* em 1958, às vésperas da independência da Nigéria em relação à Grã-Bretanha. Seu objetivo era reconstruir, por meio da ficção, a memória da África antes e durante o colonialismo, evidenciando a riqueza espiritual, a diversidade cultural e a resistência do povo Igbo diante da fragmentação de sua realidade.

Considerado um marco da literatura africana do século XX e um dos pilares da moderna literatura nigeriana, o romance apresenta uma narrativa singular sobre a vida nas tribos Igbos, oferecendo uma perspectiva inédita sobre os impactos do colonialismo britânico no século XIX. Ao refletir sobre o papel do romance na literatura contemporânea, D’Onofrio destaca sua capacidade de expressar as complexidades da realidade moderna:

Especialmente no século XX, o romance tornou-se, sem dúvida alguma, a forma artística mais apta a expressar as perplexidades da nossa realidade. Os melhores ficcionistas em prosa da modernidade souberam revestir fábulas e personagens do mais profundo sentido humano, enriquecendo suas histórias imaginárias com a reflexão histórica, o ensaio filosófico, a descoberta científica, a revolução ética, a renovação linguística. (D’ONOFRIO, 2006, p.118).

D’Onofrio conclui que “o romance deu mostra de uma extraordinária vitalidade, impondo-se como a forma de arte mais rica e mais surpreendente” (D’ONOFRIO, 2006, p. 118).

Achebe usa o romance para criticar a visão eurocêntrica da história africana e destacar a importância das tradições e crenças locais. Ele também denuncia o impacto negativo da colonização sobre a identidade e a autoestima dos africanos. Críticos literários defendem que *O mundo se despedaça* é uma resposta ao romance *Coração das Trevas*, de Joseph Conrad (1902), obra que também influenciou a formação de Achebe e a definição de seu propósito como escritor. Ao discutir e analisar o olhar racista e estereotipado com que Conrad retrata os habitantes da África como um todo, Achebe afirma ainda que:

Se eu insistisse em fazer a viagem de barco, teria que me resignar, talvez, em ser aquele “espécime aperfeiçoado”, como Conrad o chama sarcasticamente – mais absurdo, diz ele, do que um cão de calças tentando entender a feitiçaria oculta no medidor de água do barco. O dia em que percebi isso foi o dia em que eu disse não; o dia em que percebi que as histórias nem sempre são inocentes, que elas podem ser usadas para colocar você no grupo errado, ao lado do homem que chegou para arrancar de você todas as suas posses. (ACHEBE, 2012, p. 121).

Dessa forma, Achebe se consolida como um crítico ferrenho do colonialismo europeu na África, sendo especialmente impactado por um escritor cuja obra o motivou a “não descrever a África nem seu povo” nos moldes estereotipados. Em fevereiro de 1975, ele proferiu a palestra intitulada *An Image of Africa: Racism in Conrad’s Heart of Darkness*, na Universidade de Massachusetts Amherst, onde lecionava. Esse ensaio foi posteriormente incluído e publicado em sua coletânea *Hopes and Impediments* (Esperanças e Impedimentos), lançada em 1988.

## 2.2 O Racismo Explícito Em Heart Of Darkness

O texto *Hopes and Impediments* (Esperanças e Impedimentos), de Chinua Achebe, é considerado parte do movimento crítico pós-colonial, que propõe aos europeus a consideração dos pontos de vista das nações não europeias, especialmente dos povos que enfrentam os efeitos duradouros do colonialismo.

Nesse contexto, Achebe acusa Joseph Conrad de ser um “racista sanguinário” e de retratar os africanos como seres inferiores e desumanos. Ele também afirma que *Heart of Darkness* (Coração das Trevas) é um “livro absolutamente deplorável e ofensivo”, por perpetuar estereótipos negativos sobre a África e seus povos.

Bem como, Achebe argumenta que Conrad projeta uma imagem da África como um espaço primitivo e oposto à civilização europeia. Em sua crítica, ele afirma: “Heart of Darkness projects the image of Africa as ‘the other world, the antithesis of Europe and therefore of civilization, a place where man’s vaunted intelligence and refinement are finally mocked by triumphant bestiality’” (ACHEBE, 1988, p. 3). Em tradução livre: Coração das Trevas projeta a imagem da África como “o outro mundo”, a antítese da Europa e, portanto, da civilização — um lugar onde a vangloriada inteligência e refinamento do homem são finalmente ridicularizados pela bestialidade triunfante (ACHEBE, 1988, p. 3, tradução nossa).

Segundo Achebe, Conrad utiliza o rio Congo como metáfora para o “coração das trevas”, sugerindo que o continente africano seria um lugar obscuro, selvagem e inexplorado, onde os europeus se perdiam em sua própria loucura e crueldade. O escritor nigeriano também aponta a ausência de voz e agência dos personagens africanos na narrativa, que são tratados como meros objetos ou obstáculos para os interesses dos colonizadores.

Além disso, Achebe questiona a suposta genialidade literária de Conrad, argumentando que seu estilo é confuso, ambíguo e contraditório. Sua palestra gerou intensa controvérsia entre estudiosos da literatura: enquanto alguns defenderam Conrad, outros concordaram com Achebe, reconhecendo a importância de sua crítica. A discussão sobre racismo e colonialismo em *Heart of Darkness* e em tantas outras obras do cânone ocidental permanece relevante até hoje, especialmente à luz dos estudos pós-coloniais e das perspectivas dos escritores africanos que buscam reverter narrativas eurocêntricas.

### 3 A ESCOLHA DE ACHEBE POR NÃO PUBLICAR EM LÍNGUA IGBO

Uma questão recorrente na análise da obra de Achebe é por que ele optou por publicar seu romance em língua inglesa, e não em Igbo ou outras línguas africanas. A razão pela qual Achebe publicou *Things Fall Apart* (1958), traduzido no Brasil como *O Mundo se Despedaça*, em língua inglesa foi alcançar um público mais amplo e global, além de desafiar os estereótipos e preconceitos sobre a África presentes na literatura ocidental. Seu objetivo era mostrar o continente como um espaço complexo, diverso e dinâmico, com rica cultura e história e não como um lugar de trevas, selvageria e atraso.

Segundo Moore, [...] quanto à linguagem e ao estilo de Achebe como primeiro romancista africano escrevendo em inglês, ele deu muita atenção à escolha e uso da linguagem. Ele usa muitas palavras em igbo, nem sempre se preocupando em traduzi-las, às vezes ele fornece o sentido dessas palavras para os leitores de outras culturas de maneira discreta; às vezes ele nos deixa adivinhar o sentido por meio de insinuações no contexto, pois, desse modo ele evitou explicações ou descrições que interrompessem o fluxo da narrativa. (MOORE, 1974 apud HOFIUS, 2015).

Achebe também queria dar voz aos africanos silenciados e marginalizados pelo colonizador branco, evidenciando sua resistência e luta contra a opressão. Escolheu o inglês como meio de expressão por reconhecer que era a língua franca da Nigéria, país com mais de 250 línguas. Viu o inglês como ferramenta para se comunicar com o mundo, afirmar sua identidade como escritor africano e resistir culturalmente. Adaptou a língua à sua realidade africana, incorporando provérbios, metáforas e padrões de fala Igbo, além de termos sem tradução direta. Assim, construiu um estilo literário próprio e original, que expressa sua identidade africana e desconstrói os preconceitos sobre o continente.

No entanto, Achebe não utilizou o inglês padrão, mas sim um inglês africanizado, enriquecido com padrões de fala e provérbios nigerianos, que refletiam sua cultura e tradição Igbo. Seu objetivo era que o romance fosse lido e compreendido por seu próprio povo que

reconheceria ali sua história e também por leitores de outras culturas, que teriam acesso à verdade sobre os Igbos. Achebe buscava disseminar as crenças, culturas e religiosidades que também lhe pertenciam.

Além disso, pretendia que os próprios britânicos que escreveram romances a partir de uma perspectiva eurocêntrica sobre os nigerianos pudessem ler e compreender esse povo sob a ótica de um africano.

Assim, ele criou um estilo literário único e original, que combinava elementos da oralidade e da escrita, criando uma ponte entre as duas modalidades linguísticas e valorizando a sua cultura igbo. Portanto, a obra de Achebe é um marco na literatura africana e um exemplo de resistência cultural e identitária. Contar a história do povo negro na nossa época, e por um considerável período antes disso, tem sido uma responsabilidade que os brancos tomaram para si, eles o fizeram sobretudo para atender os propósitos de gente branca, naturalmente. (ACHEBE, 2009, p. 66).

Achebe revela, no romance *O Mundo se Despedaça*, que os povos Igbos possui valor, religião, religiosidade e identidade. Apesar de tudo, esse povo resistiu às atrocidades impostas pelo colonizador.

Ainda assim, os laços familiares de Achebe merecem um estudo mais aprofundado, visto que ele era filho de missionários, membro de uma família tradicional e convertido à Igreja Anglicana. O próprio autor afirmou que seu pai “foi um dos primeiros convertidos ao cristianismo” e que foi criado por seu tio Udoh, que tentou convertê-lo à fé.

Seu tio Udoh, um líder da comunidade, homem de elevada moral e de mente aberta, um homem próspero que tinha preparado uma festa tão grandiosa quando assumiu o título de ozo, que seu povo lhe outorgou um nome único e exclusivo. Deveria ele jogar tudo isso fora, só porque alguns estranhos tinham vindo de longe dizer isso? (ACHEBE, 2012, p. 44).

Esse dilema é apresentado em *O Mundo se Despedaça*, onde o tio do pai de Achebe poderia muito bem representar qualquer pessoa com um título em Umuófia ou em um clã vizinho. A narrativa mostra que a conversão dos titulares de prestígio teve um impacto profundo, em contraste com a conversão dos efulefus, pessoas sem personalidade ou importância social, que não eram dignas de grande consideração segundo os valores da comunidade Igbo.

Assim, nota-se que a história familiar de Achebe guarda semelhanças com os elementos narrativos do romance. Tal como seu pai se converteu ao cristianismo, o personagem Nwoye, filho de Okonkwo, também abandona as tradições e adere à nova fé. Por meio dessa

intersecção entre vida e obra, é possível perceber que Achebe, ao contar a história de Umuófia, também revela fragmentos de sua própria trajetória.

### 3.1 O Resgate De Voz E De Identidade

Durante séculos, a história do continente africano foi obscurecida, e seus povos foram privados do direito à voz e ao reconhecimento de seu lugar na sociedade. *O Mundo se Despedaça*, de Chinua Achebe, abriu caminho para a reconstrução dessa narrativa. É o primeiro de uma trilogia de romances que retratam a vida do povo Igbo na Nigéria a partir de meados do século XIX, sendo a ficção o instrumento escolhido por Achebe para apresentar sua versão da história.

Todas essas obras são narradas a partir da perspectiva de protagonistas Igbo, oferecendo uma visão interna e crítica dos processos históricos vividos por esse povo. *\*Things Fall Apart\** (1958), em especial, inaugura novos caminhos para o surgimento de outras literaturas africanas contemporâneas, influenciando autores como Fatou Diome, Alain Mabanckou, Mia Couto, Ondjaki, José Eduardo Agualusa, Chimamanda Ngozi Adichie, Paulina Chiziane e Pepetela, entre outros.

A trilogia de Chinua Achebe percorre três momentos cruciais de um século marcado por encontros e rupturas. As obras foram publicadas originalmente em língua inglesa, e as datas de tradução referem-se às edições brasileiras lançadas pela Companhia das Letras:

I – *Things Fall Apart* (*O Mundo se Despedaça*) — publicado originalmente em língua inglesa em 1958 e traduzido para o português no Brasil em 2009. Retrata o contato inicial entre os anglo-Igbos e a chegada dos britânicos à Nigéria, evidenciando os impactos da invasão colonial.

II – *Arrow of God* (*A Flecha de Deus*) — publicado em inglês em 1964 e traduzido no Brasil em 2011. Aborda o período de consolidação das regras coloniais, situado aproximadamente na época do nascimento do autor.

III – *No Longer at Ease* (*A Paz Dura Pouco*) — publicado em inglês em 1960 e traduzido no Brasil em 2010. Descreve os últimos dias do império colonial, revelando as tensões e contradições da transição para a independência.

Ao iniciar a análise interna do romance em questão, Chinua Achebe nos apresenta, por meio do personagem Okonkwo, reflexões sobre luta, resistência, ancestralidade, crença, religião, religiosidade e cultura dos povos da etnia Igbo. O autor discute, de forma concisa e ao mesmo tempo complexa, as tradições desse povo e os conflitos com seu tempo histórico. A obra possui características modernas, no sentido de evidenciar um conjunto de mudanças que revelam tensões religiosas e contradições do colonialismo.

Logo na abertura da narrativa, Alberto da Costa e Silva resume o enredo do romance:

Nele, narra-se o começo da desintegração de uma cultura, com a chegada, ao mundo fechado que lhe protegia a unidade de valores, do estrangeiro com armas mais poderosas, e de pele, costumes e idéias diferentes. E conta-se a história de um homem que se fez forte no adubo íntimo da fraqueza e a quem o medo de ser débil finalmente derrota. Achebe (2009, p.6).

Atualmente, a literatura africana nigeriana de língua inglesa vem ganhando espaço e revolucionando não apenas a história da literatura africana, mas também a vida dos africanos e a realidade do continente. Trazendo novos conceitos e ideologias, já presentes no íntimo dos nigerianos, essas obras são agora escritas por escritores negros africanos, e não apenas por escritores europeus brancos, como ocorria no passado.

Escrevendo *Things Fall Apart* (1958), Achebe reinstala a rica cultura africana, rejeita os estereótipos criados pelos colonizadores, confirma complexidade e ambivalência da cultura africana, constrói uma profunda e criativa etnografia e, acima de tudo apropria-se da forma do romance (a ferramenta dominante da representação imperial britânica). (BONNICI, 2005, p. 236).

A leitura deste romance nos convida a refletir sobre múltiplas verdades até então silenciadas pelos escritores europeus brancos em relação aos negros nigerianos, especificamente ao povo da etnia Igbo que sofreram e ainda sofrem com preconceitos e estereótipos criados desde os tempos da invasão de seus territórios. No passado, literaturas difundidas pela Europa e escritas por autores brancos foram utilizadas para distorcer e deslegitimar a religião, a religiosidade, a crença e a cultura dos africanos Igbo.

Dessa forma, *O Mundo se Despedaça* não apenas inaugura uma nova perspectiva na literatura africana, como também se impõe como um gesto de resistência simbólica e narrativa. Ao dar voz ao povo Igbo e expor as complexidades de sua cultura, Chinua Achebe rompe com a tradição colonial de silenciamento e estereotipação, reivindicando para os africanos o direito de contar suas próprias histórias. A obra transcende o papel de documento histórico e se afirma como um instrumento de reconstrução identitária, revelando que a literatura pode ser, ao mesmo tempo, memória, denúncia e recomeço.

### **3.2 O Romance Em Três Capítulos**

O romance *O Mundo se Despedaça* é estruturado em três partes distintas, cada uma revelando aspectos específicos da sociedade Igbo e sua relação com a religiosidade, a tradição e os impactos da colonização. Essa divisão não apenas organiza a narrativa, mas também reflete a transição histórica e cultural vivida por esse povo diante do contato com o Ocidente.

No primeiro capítulo, o leitor é introduzido ao universo tradicional Igbo, marcado por uma complexa rede de crenças, rituais e códigos de conduta. A comunidade cultua um Deus supremo, diversos deuses africanos e reverencia a ancestralidade como força espiritual e social. A organização social é rígida, e os valores como honra, coragem e respeito às tradições são fundamentais para a coesão do grupo. Essa seção estabelece o cenário de uma cultura autônoma, rica e profundamente enraizada em suas práticas religiosas.

O segundo capítulo, apresenta o início da ruptura. A narrativa se desloca para Mbanta, onde ocorre o primeiro contato direto com os missionários europeus e a introdução do cristianismo. A presença da nova religião provoca divisões internas, gerando conflitos entre os que aderem à fé cristã e os que permanecem fiéis aos deuses africanos. Essa parte evidencia o choque entre cosmovisões e o início da desestabilização da estrutura religiosa e cultural tradicional.

No terceiro capítulo, a desintegração se consolida. A aldeia de Umuófia, antes símbolo de unidade e tradição, encontra-se sob domínio colonial. As leis, a língua e os costumes europeus são impostos, e a religião tradicional Igbo é marginalizada. A narrativa culmina em uma tragédia que simboliza não apenas o fim de uma era, mas também a violência simbólica da colonização sobre a espiritualidade, a identidade e a memória coletiva africana.

Assim, *O Mundo se Despedaça*, constrói, por meio de sua estrutura tripartida, uma poderosa metáfora da transição entre autonomia e dominação, entre tradição e ruptura. Achebe utiliza o romance como ferramenta crítica para denunciar os efeitos do colonialismo sobre a cultura africana, evidenciando os conflitos religiosos e as contradições que emergem do encontro entre mundos distintos. A obra transcende a narrativa individual e se afirma como um retrato histórico e simbólico da resistência e da complexidade da sociedade Igbo.

#### **4. A TRAJETÓRIA DE OKONKWO COMO SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA**

Okonkwo é apresentado por Chinua Achebe como um dos personagens mais marcantes da literatura africana. Desde jovem, sua fama como lutador já corria pelas nove aldeias, após derrotar Amalinze, “O Gato”, o melhor lutador de seu tempo. Esse feito lhe conferiu respeito como guerreiro e abriu caminho para sua ascensão social. Vinte anos depois, Okonkwo prosperava rapidamente, acumulando títulos e prestígio dentro do clã de Umuofia.

Fisicamente, era um homenzarrão: alto, forte, de nariz largo e sobrancelhas grossas, com uma aparência severa e uma voz ressonante. Era gago e impaciente, o que contribuía para sua imagem de homem rígido e autoritário. Apesar de sua personalidade difícil e rabugenta, era

trabalhador e provia sua família com dedicação. Já havia recebido dois títulos e sonhava com os mais altos do clã, sempre em busca de reconhecimento e honra.

Essa obsessão por força e sucesso vinha, em parte, da vergonha que sentia de seu pai, Unoka. Este era visto como um fracassado: pobre, endividado, amante da música e do vinho de palma, e avesso ao trabalho e à guerra. Unoka morreu sem títulos e deixou uma reputação de fraqueza e irresponsabilidade. Achebe descreve-o como um homem que vivia de sonhos e dívidas, e cuja memória Okonkwo tentava apagar por meio de uma vida de disciplina e conquista.

Segundo Elidete Hofius (2015), [...] Okonkwo – herói ibo – a despeito de não ter recebido nenhuma herança da qual pudesse se orgulhar, traça uma trajetória – iniciada com a vitória contra Amalinze – o Gato – de glórias e conflitos consigo mesmo e com os outros, incluindo familiares, amigos, moradores da tribo e missionários. Autoritário e às vezes violento, ele conduz sua vida de forma a livrar-se da imagem negativa deixada pelo pai, Unoka, e construir uma vida que o levasse a ser aceito e respeitado pelo clã, formado pelos moradores mais respeitados na tribo, os quais determinavam as normas de conduta dos ibos.

A pesquisadora também destaca que Okonkwo herdou do pai não apenas a ausência de bens materiais, mas também o peso simbólico de uma reputação fracassada, transmitidas por seu pai, a escassez de inhames para iniciar o cultivo, o fracasso na colheita e a associação do nome da família à derrota marcaram profundamente sua trajetória.

No entanto, Okonkwo é também um personagem ambíguo. Por um lado, pode ser visto como um tirano, que impõe sua vontade com violência, especialmente sobre sua família. Ele reprime seus sentimentos, desafia os deuses e as autoridades religiosas, como quando agride sua esposa durante a Semana da Paz, mata Ikemefuna contra sua vontade, ataca o mensageiro branco e, por fim, comete suicídio — um ato considerado abominável pelos Igbos.

Por outro lado, ele é um herói trágico, que luta para preservar sua cultura, suas crenças e sua identidade diante da invasão colonial. Okonkwo respeita os deuses, participa dos rituais e faz oferendas, demonstrando profunda ligação com a espiritualidade e os costumes de seu povo. Sua resistência à mudança e à dominação estrangeira revela um homem que, apesar de seus defeitos, carrega a dignidade e a memória de uma civilização ameaçada.

Assim, Okonkwo encarna a tensão entre tradição e transformação, entre honra e destruição. Sua trajetória é marcada por conquistas, conflitos internos e resistência cultural. Ele é, ao mesmo tempo, símbolo da força do povo Igbo e da tragédia provocada pelo colonialismo.

Ao se recusar a ceder às imposições dos colonizadores, inclusive rejeitando a nova religião cristã que ameaçava os deuses e os rituais ancestrais de seu povo. Okonkwo representa a persistência da memória, da identidade e da dignidade africana. Como ele mesmo lamenta: “Ele lamentava pelo clã, que via se desintegrando e caindo aos pedaços... Lamentava porque

havia retornado ao clã quando já era tarde demais.” (ACHEBE,2009. p. 170 a 180). Sua figura permanece como um símbolo de resistência, não apenas contra o domínio estrangeiro, mas contra o apagamento de uma cultura e de uma religiosidade ancestral que lutaram para sobreviver.

O suicídio de Okonkwo, longe de ser um gesto de fraqueza, representa o ápice de sua resistência diante da desintegração cultural provocada pelo colonialismo. Fiel às tradições ibo, ele não aceita viver sob uma ordem estrangeira que deslegitima sua ancestralidade, sua religiosidade e os valores que moldaram sua trajetória.

No entanto, ao tirar a própria vida, Okonkwo rompe com a mesma tradição que buscava preservar, já que o suicídio é considerado abominável em sua cultura.

O suicídio representa uma ruptura profunda com a ordem natural. É uma afronta à Terra, que nos acolhe e sustenta. Ao tirar a própria vida, o indivíduo rejeita o dom da existência que a Terra lhe concedeu, como se dissesse: não reconheço o valor da vida que recebi. É também um ato de ingratidão, que ignora tudo o que lhe foi oferecido o corpo, o tempo, o chão. É um grito de desespero que renuncia à esperança, como se não houvesse mais futuro possível sob o céu da Terra. E, por fim, é uma maldição lançada contra si mesmo, uma recusa a bênção que a Terra ainda poderia conceder.

Como consequência, ele não pode ser enterrado por sua família nem pela sociedade Igbo, não terá rituais fúnebres e nem será ancestralizado, ou seja, não ocupará o lugar espiritual reservado aos que morrem com honra e são lembrados e cultuados como ancestral.

Essa contradição revela a profundidade da ruptura causada pela dominação europeia: o mundo de Okonkwo não apenas se despedaça, ele se torna irreconciliável. Chinua Achebe, ao encerrar o romance com esse gesto extremo, denuncia o impacto psicológico e espiritual do colonialismo, mostrando que a resistência, quando solitária e sem respaldo coletivo, pode se transformar em tragédia.

A trajetória de Okonkwo, marcada por força, honra e tragédia, revela não apenas um indivíduo em conflito, mas também um representante de valores ancestrais em processo de desintegração. No entanto, sua resistência não se limita ao plano político ou social — ela se estende à esfera espiritual, onde a religiosidade Igbo desempenha papel central na construção de sua identidade e de todo povo Igbo.

No capítulo seguinte, aprofundaremos essa dimensão, analisando como Okonkwo atua como guardião da tradição e da espiritualidade de seu povo, e como sua fé, seus rituais e sua relação com os deuses revelam a profundidade da cosmovisão Igbo diante da ameaça colonial.

## 5. OKONKWO: GUARDIÃO DA TRADIÇÃO E DA ESPIRITUALIDADE IGBO

A obra *O Mundo se Despedaça*, de Chinua Achebe, apresenta Okonkwo como um personagem profundamente vinculado à cultura e religiosidade Igbo. Por meio de sua trajetória, o autor revela uma sociedade estruturada sobre crenças ancestrais, práticas espirituais e valores comunitários, gradualmente desestabilizada pela presença colonial. Este capítulo propõe uma análise da figura de Okonkwo como representante da resistência à desintegração cultural, atuando como guardião de uma espiritualidade que permeia os diversos aspectos da vida Igbo.

A religiosidade de Okonkwo constitui um dos pilares de sua identidade. Como líder guerreiro da etnia Igbo, ele valoriza atributos como força, coragem e fidelidade à tradição. Sua fé está intrinsecamente ligada à oralidade, aos deuses africanos, à ancestralidade e ao chi (deus pessoal). Nesse contexto, torna-se necessário apresentar brevemente esse elemento fundamental da cosmologia Igbo. O chi é entendido como uma força pessoal e divina que acompanha cada indivíduo, influenciando seu destino e suas escolhas.

Em *O mundo se despedaça*, Achebe utiliza essa ideia para revelar os conflitos internos de Okonkwo, bem como a relação entre o homem e os elementos espirituais que regem sua existência. Essa introdução permitirá uma melhor compreensão dos aspectos religiosos e simbólicos que serão aprofundados em capítulos posteriores. A fé de Okonkwo também está profundamente relacionada ao respeito pelos costumes herdados dos antepassados, que se manifesta em práticas como os sacrifícios, rituais e a observância de cerimônias que asseguram a harmonia entre os vivos e os espíritos.

Essa espiritualidade não se restringe ao plano metafísico, mas orienta a vida cotidiana e molda a visão de mundo de Okonkwo. O temor à ira divina e a convicção de que sua prosperidade decorre da proteção dos deuses reforçam sua adesão aos valores tradicionais. Achebe destaca que “a deusa da terra era a mais importante de todas as divindades locais. Era a dona de todos os terrenos e era ela quem punia os infratores das leis da terra” (ACHEBE, 2009, p. 36). A chegada dos missionários cristãos, nesse contexto, representa uma ameaça não apenas à fé individual, mas à estrutura sociocultural que sustenta a comunidade Igbo.

A relação entre espiritualidade e agricultura é igualmente significativa na trajetória de Okonkwo. Sem herança paterna, ele conquista prestígio, títulos e riqueza por meio do cultivo de inhames, símbolo de sucesso entre os Igbo. A terra, nesse universo simbólico, transcende sua função econômica, sendo considerada espaço sagrado vinculado à deusa Ani, fonte de fertilidade e juíza da moral.

As práticas agrícolas são acompanhadas por rituais que reafirmam essa dimensão espiritual. A Semana da Paz, celebrada antes da colheita, constitui um período de reconciliação e silêncio em honra à deusa da terra. O Festival do Novo Inhame marca o início do ano novo, com oferendas aos ancestrais e celebrações comunitárias, a cosmovisão Igbo não estabelece dicotomias entre o material e o espiritual, ambos coexistem de forma integrada.

Mesmo os insucessos são interpretados sob uma ótica religiosa. Unoka, pai de Okonkwo, é considerado portador de um “mau chi”, e sua morte por inchaço o impede de receber um funeral digno, sendo relegado à Floresta Maligna. Achebe descreve esse costume de forma explícita:

Unoka era um homem infeliz. Tinha um mau chi, ou deus pessoal, e a má sorte o perseguiu até o túmulo, ou melhor, até sua morte, pois ele não teve túmulo. Morreu do inchaço que era uma abominação para a deusa da terra. Quando um homem sofria de inchaço do estômago ou dos membros, não lhe era permitido morrer em casa. Levavam-no para a Floresta Maligna e lá o abandonavam para morrer. (ACHEBE, 2009, p. 18).

A crença Igbo exige não apenas fé, mas ação: os deuses concedem bênçãos, mas cabe ao indivíduo trabalhar com empenho e honra para merecê-las. Como afirma Achebe, “o homem não pode vencer seu chi. O chi de Okonkwo era bom, mas ele o desafiou em alguns momentos” (ACHEBE.Chinua, 2009, p. 131), revelando que a espiritualidade Igbo também pressupõe responsabilidade pessoal diante do destino.

A ancestralização, entendida como continuidade espiritual entre gerações, ocupa lugar central na visão de mundo de Okonkwo. Ele almeja que seus filhos, especialmente Nwoye, preservem os rituais, ergam altares e realizem sacrifícios em sua memória. Tal prática é fundamental para a religiosidade Igbo, pois assegura a perpetuação da conexão entre vivos e mortos.

Contudo, a rejeição dos valores tradicionais por parte de Nwoye, que se aproxima da fé cristã, provoca profunda angústia em Okonkwo. Para ele, essa escolha representa uma ameaça à continuidade dos costumes ancestrais e à própria identidade espiritual da família. “E se quando ele, Okonkwo, morresse, todos os seus filhos machos resolvessem seguir os passos de Nwoye e abandonassem os ancestrais? Okonkwo sentiu um calafrio diante de tão terrível probabilidade que, para ele, significava uma total aniquilação” (ACHEBE, 2009, p. 174).

A possibilidade de não ser ancestralizado representa, para ele, uma forma de aniquilação, não apenas da memória, mas da própria existência espiritual. A ruptura entre pai e filho simboliza o embate entre tradição e modernidade, entre um mundo que se construiu ao longo de gerações e aquele que se desfaz diante das transformações impostas pelo colonialismo.

Dessa forma, Okonkwo emerge como símbolo da resistência cultural e espiritual frente à invasão colonial. Sua trajetória evidencia como a religiosidade permeia todos os aspectos da vida Igbo — da agricultura à guerra, das relações familiares aos ritos fúnebres. Embora seja guardião de uma espiritualidade ancestral, Okonkwo também se torna vítima de um processo histórico que ameaça dissolver os fundamentos de sua identidade.

Ao narrar essa história, Achebe oferece uma verdadeira antropologia da fé Igbo, traduzida para o inglês, mas profundamente enraizada na oralidade e na vivência africana. Okonkwo transcende sua condição de personagem ficcional, tornando-se emblema da resistência cultural, da espiritualidade ameaçada e da dignidade de um povo que, mesmo diante da destruição, insiste em preservar sua memória.

## **6. O CHOQUE DE MUNDOS: A RELIGIÃO IGBO FRENTE À COLONIZAÇÃO**

A desintegração da religiosidade e das crenças tradicionais do povo Igbo, retratada no romance *O mundo se despedaça*, tem início com a chegada dos colonizadores europeus ao território que hoje corresponde à Nigéria. Estes trazem consigo não apenas uma nova fé, mas também uma nova estrutura de poder, uma forma distinta de governo e a força coercitiva da polícia ocidental.

Os missionários brancos, acompanhados por africanos já convertidos ao cristianismo, percorrem as aldeias até alcançarem Umuófia, pregando uma religião monoteísta que confronta diretamente os valores espirituais dos Igbo, fundamentados na sabedoria ancestral e na devoção aos Deuses africanos.

Wole Soyinka, escritor nigeriano da etnia Yoruba, observa que “a religião dos Igbo é uma religião de diversidade, de diversidade de deuses, de cultos, de ritos, de expressões artísticas. A religião dos europeus é uma religião de uniformidade, de uniformidade de dogmas, de normas, de símbolos, de estéticas” (Soyinka, 1976, p. 25-30).

Além da religião, os colonizadores introduzem novas instituições como a escola, um sistema jurídico distinto e uma política centralizada, ignorando que a sociedade Igbo já possuía suas próprias formas de organização e justiça. O equilíbrio dos costumes do clã começa a se desestabilizar. A nova crença, centrada em um único Deus, atrai não apenas curiosos, mas também aquelas pessoas deslocadas dentro da ordem cultural vigente, como Nwoye, filho mais velho de Okonkwo, cuja conversão representa uma ruptura profunda com suas crenças ancestrais e religiosidade.

A adesão à nova fé cristã, em sua fase inicial, manifesta-se sobretudo entre pessoas em situação de vulnerabilidade social ou espiritual. Em outras palavras, indivíduos que ocupavam

posições de menor prestígio ou aceitação dentro da sociedade Igbo, como mães de gêmeos, pessoas sem poder aquisitivo ou que, por diferentes razões, não se encaixavam plenamente nas normas espirituais e sociais da comunidade. Para esses integrantes, a nova religião oferecia não apenas acolhimento, mas também a promessa de pertencimento e igualdade, ainda que ilusória.

A rejeição da tradição, nesse contexto, emerge como resposta legítima à dor, à exclusão e à busca por sentido. Personagens como Nwoye, por exemplo, ilustram esse movimento ao romper com os valores do pai e abraçar uma espiritualidade que lhe oferecia esperança de conforto e pertencimento. Assim, o conflito entre as crenças não se limita ao plano coletivo: ele atravessa o íntimo dos indivíduos, revelando tensões entre identidade, afeto e sobrevivência.

Essa abertura à nova espiritualidade expõe fissuras nas estruturas tradicionais Igbo, favorecendo a inserção dos colonizadores, que se aproveitam dessas brechas para consolidar sua presença e fragilizar e desestabilizar os fundamentos da sociedade tradicional nigeriana, comprometendo sua coesão e continuidade.

Okonkwo emerge como um dos principais opositores à presença missionária. No entanto, ele não prevê a adesão crescente de seus companheiros à nova fé, tampouco a conversão de seu próprio filho Nwoye. A resistência de Okonkwo simboliza o esforço de preservação cultural diante da invasão colonial, mas também revela os limites dessa resistência frente à força das transformações sociais.

A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, também pertencente à etnia Igbo, defende que a religião dos Igbos pode ser compreendida como uma forma de resistência à dominação colonial, à imposição cultural e à negação da identidade, enquanto a religião europeia funcionava como instrumento de opressão aos povos colonizados, seus costumes, suas línguas e suas histórias (*grifos meus*).

Sob uma perspectiva antropológica, é possível compreender a religiosidade Igbo a partir de seus próprios conceitos. A fé tradicional africana era baseada na crença em um Deus supremo e em diversos Deuses, os *alusi*, que representavam forças brutas da natureza e da sociedade. A veneração aos ancestrais também ocupava papel central, assim como a crença no *chi* — tema que será aprofundado nas próximas seções.

Diante desse cenário inicial de desestabilização cultural e religiosa em Mbanta, torna-se evidente que o avanço da colonização não se limita à introdução de novas instituições, mas se aprofunda no campo espiritual. A continuidade dessa ruptura se manifesta com ainda mais intensidade em Umuófia, onde o embate religioso entre os missionários cristãos e a comunidade Igbo alcança novos contornos de conflito e resistência.

A chegada do homem branco a Mbanta representa um ponto de virada significativo na vida dos Igbos, marca o início de um embate religioso profundo. Eles se apresentam de forma aparentemente pacífica, mas com um propósito claro: introduzir o cristianismo aos habitantes locais, subjugando-os para explorar suas riquezas. Ao afirmar que seu Deus era único e verdadeiro, o colonizador inicia um confronto direto com as crenças tradicionais dos Igbos.

O discurso do missionário é carregado de julgamento, racismo, intolerância religiosa e promessas de redenção. “Disse-lhes que eles adoravam falsos deuses, deuses de madeira e de pedra [...] os homens maus e todos os pagãos [...] seriam jogados numa fogueira que queimava como óleo de palma. Porém os bons [...] viveriam para sempre em seu reino de felicidade” (Chinua Achebe, 2009, p.110). Essa fala provoca murmúrios entre os ouvintes e evidencia o choque entre mentalidade coletiva.

A promessa de salvação eterna e o medo da condenação são elementos típicos das pregações cristãs, que aqui se impõem sobre uma cultura ancestral. Achebe, ao narrar esse momento, revela como o cristianismo é apresentado como superior, negando a validade das crenças Igbo africanas.

A afirmação de que “os deuses de vocês não existem e, portanto, não lhes podem causar nenhum mal, são meros pedaços de madeira e de pedra” (Chinua Achebe, 2009, p.111), demonstra a postura colonial de deslegitimação das práticas religiosas Igbo.

Essa visão missionária ignora a complexidade espiritual da cultura africana, tratando-a como superstição ou idolatria. A reação da Comunidade Igbo é diversa. Alguns questionam: “Se abandonarmos nossos deuses e resolvermos seguir o seu – quem vai nos proteger contra a ira de nossos Deuses abandonados e de nossos ancestrais?” (Chinua Achebe, 2009, p.111).

Outros, incrédulos, começam a se retirar, considerando absurda a ideia de que divindades como Ani, Amádiora, Idemili e Ogwugwu fossem inofensivas. Essa multiplicidade de respostas revela a tensão interna da comunidade diante da imposição de uma nova fé.

Mesmo diante da resistência, os missionários conseguem um espaço: um pedaço da floresta maldita, local temido pelos Igbo por suas energias negativas. Lá, instalam sua igreja e permanecem, demonstrando paciência e cordialidade. Aos poucos, alguns membros da comunidade começam a aderir à nova fé, dando um passo rumo ao abandono de sua religiosidade ancestral e das tradições espirituais que os conectavam aos seus deuses e antepassados.

## 7. ECOS DE RESISTÊNCIA: DIÁLOGO ENTRE IGBO E COLONIZADOR

Achebe, apresenta com profundidade os conflitos culturais e religiosos vivenciados pela sociedade Igbo diante da imposição dos colonizadores europeus. Um dos momentos mais significativos dessa tensão ocorre no diálogo entre o missionário branco Sr. Brown e Akunna, um membro respeitado da comunidade Igbo. A conversa entre os dois revela não apenas divergências teológicas, mas também visões de mundo profundamente distintas, que refletem o embate entre a tradição africana e a imposição colonial.

Durante o diálogo, Sr. Brown expõe a perspectiva cristã de que há apenas um Deus verdadeiro, enquanto os demais Deuses Igbo seriam falsos. Ele critica a prática de esculpir imagens de madeira e pedra para adoração, argumentando que tais representações não possuem poder divino real. Apesar disso, Sr. Brown reconhece que o Deus cristão é equivalente ao Deus supremo da tradição Igbo, Chukwu, mais deslegitima os Deus africanos por serem representados por madeiras e pedras.

Akunna argumenta com lógica e respeito, mostrando sabedoria e conhecimento das práticas religiosas desta etnia, conforme narrada por Achebe, revela uma concepção espiritual mais integrada e simbólica: “Certo — respondeu Akunna. — É mesmo um pedaço de madeira. Mas a árvore da qual foi cortado foi feita por Chukwu, da mesma maneira, aliás, que todos os deuses menores” (Chinua Achebe, 2009, p.134). Akunna, continua: “Chukwu fez esses deuses para serem os mensageiros através dos quais todos nós podemos nos aproximar d’Ele. — É como no seu caso. O senhor é chefe da sua igreja” (Chinua Achebe, 2009, p.134).

De modo algum! Contestou o Sr. Brown, na minha religião, Deus é o próprio chefe (grifos meus). Compreendo, sim —replicou Akunna, com serenidade e firmeza. “Mas deve haver um chefe no mundo, entre os homens. Alguém como o senhor deve ser o chefe aqui na terra” (Chinua Achebe, 2009, p.134). Sr. Brown responde: “O chefe da minha igreja, no sentido que o senhor dá à palavra, está na Inglaterra” (Chinua Achebe, 2009, p.134).

Esse trecho ilustra a tentativa de Akunna de explicar a lógica espiritual Igbo, na qual os Deuses (Alusis) funcionam como intermediários entre os homens e Chukwu. A analogia com a estrutura eclesiástica cristã, onde há líderes terrenos que representam a autoridade divina — revela uma tentativa de aproximação entre os sistemas religiosos, ainda que partindo de fundamentos distintos.

Essas discussões religiosas tornam-se recorrentes em Umuofia, intensificando os conflitos culturais entre os dois mundos. O protagonista Okonkwo, assim como outros membros da sociedade Igbo, resiste à influência dos missionários, e todas as tentativas de converte-los ao

cristianismo. Os rituais, crenças e estruturas sociais dos Igbo entram em choque com a visão de mundo cristã, gerando tensões profundas.

Os conflitos não se limitam à discordância teológica. Há também uma rejeição explícita por parte dos missionários às práticas e valores tradicionais, frequentemente rotulados como superstição ou paganismo. A conversão ao cristianismo, em muitos casos, é retratada como uma ruptura com a herança cultural e espiritual dos Igbo, provocando divisões internas e desestabilizando os alicerces da comunidade.

Essa dinâmica retratada aqui neste capítulo reflete os desafios enfrentados por diversas comunidades africanas durante o período colonial. Os sistemas de crenças tradicionais foram confrontados e, em muitos casos, substituídos por ideias trazidas pelos colonizadores. Ao explorar essas complexidades, Achebe oferece uma visão crítica dos impactos culturais da colonização, revelando como o embate religioso se tornou um dos principais vetores de transformação e destruição das identidades africanas.

Em suma, o diálogo entre Akunna e Sr. Brown não é apenas uma troca de ideias religiosas, mas um símbolo do confronto entre dois mundos. Achebe utiliza essa cena para mostrar que, embora haja espaço para diálogo, a colonização impôs uma lógica de superioridade que desconsiderou a riqueza espiritual e cultural dos povos africanos. O resultado foi um processo doloroso de desintegração social, que reverbera ao longo de toda a narrativa.

Em resumo, o diálogo entre Akunna e o missionário Sr. Brown revela o choque entre o monoteísmo cristão e o politeísmo funcional Igbo, no qual os “deuses menores” atuam como intermediários entre os homens e o Deus supremo, Chukwu. A crítica de Sr. Brown à adoração de imagens reflete a visão cristã de idolatria, enquanto Akunna defende a legitimidade espiritual desses símbolos — destacando que, inclusive, a madeira utilizada para esculpi-los é criação de Chukwu.

Curiosamente, os cristãos também possuíam seus próprios símbolos espirituais intermediários. Sim, exatamente! O chocante, é que quando os missionários colonizadores chegaram à África, especialmente durante o século XIX, que foi o auge da expansão missionária europeia, já existiam centenas de santos cristãos canonizados e venerados pela Igreja Católica. Os missionários criticavam os Deuses intermediários, mas a própria tradição cristã já contava com figuras intermediárias, como os santos, que eram invocados como intercessores entre os fiéis e Deus.

Os missionários desmereciam ainda, a fé dos africanos por serem orientados pela oralidade ancestral e crença, que é passada de geração para geração, e não orientados por um livro manipulado pelas mãos humanas, a qual os missionários denominavam de escritura sagrada.

A depreciação dos missionários europeus à religiosidade africana, especialmente à figura dos deuses, que intermediava entre a humanidade e Deus, revela uma profunda contradição teológica e cultural. Ao deslegitimar os cultos e Deuses africanos por sua suposta “idolatria” ou por recorrerem a entidades espirituais entre o fiel e o divino, os colonizadores ignoravam que o próprio cristianismo, sobretudo o catolicismo, com centenas de santos canonizados no século XIX, amplamente venerados como intercessores entre os homens e Deus.

Essa incoerência evidencia não apenas o etnocentrismo presente na ação missionária, mas também a tentativa de impor uma estrutura religiosa europeia como única forma legítima de espiritualidade. Assim, a desqualificação dos deuses africanos não se deu por uma ausência de lógica espiritual, mas por uma estratégia colonial de dominação simbólica, que buscava apagar saberes ancestrais e substituir cosmologias locais por narrativas cristãs ocidentais.

Na diáspora, esses mesmos santos católicos seriam sincretizados com os deuses africanos, não apenas da etnia Igbo, mas também de outras tradições como a Iorubá, Banto, Jejê e de Angola. O sincretismo religioso foi uma estratégia encontrada pelos africanos escravizados no Brasil para cultuar seus deuses e manter vivas suas crenças, mesmo sob a imposição da fé cristã.

Essa tentativa de apagamento não se deu apenas por divergências teológicas, mas foi expressão direta de intolerância religiosa e racismo estrutural. Ao rotular os deuses africanos como “ídolos” ou “demônios”, os europeus negavam não só a espiritualidade e a religiosidade dos povos africanos, mas também sua humanidade, sua cultura e sua dignidade. Essa imposição de uma fé cristã europeia como única via legítima de religiosidade revela um projeto colonial que buscava apagar saberes ancestrais e substituir cosmologias negras por narrativas brancas e ocidentais.

Trata-se, portanto, de um racismo religioso e racial, onde a cor da pele e a origem étnica determinavam quais crenças eram consideradas válidas e quais deveriam ser extintas. Reconhecer essa violência simbólica é essencial para compreender os impactos duradouros da colonização sobre as religiões de matriz africana e sobre a identidade dos povos negros.

A fala de Akunna revela uma cosmovisão integrada, profundamente conectada à natureza, em que tudo, inclusive a madeira é obra de Chukwu. O diálogo simboliza os conflitos que emergem com a chegada dos missionários, que não apenas pregam uma nova fé, mas também deslegitimam as práticas religiosas locais. A conversão ao cristianismo é retratada como uma ruptura cultural, provocando divisões internas na comunidade Igbo.

Achebe denuncia o etnocentrismo europeu, que rotula as crenças africanas como superstição, ignorando sua complexidade e profundidade. A fala de Akunna também sugere uma filosofia de mediação, na qual os deuses menores funcionam como canais para o divino, uma ideia recorrente em diversas religiões africanas. Além disso, o trecho levanta questões sobre autoridade espiritual: Akunna enxerga Sr. Brown como um chefe terreno, enquanto o missionário insiste na centralidade exclusiva de Deus, revelando diferentes concepções de liderança religiosa.

## 8. COSMOVISÃO IGBO E A RELIGIÃO ODINANI: DEUSES, ANCESTRAIS E O CHI

A compreensão da cosmovisão de um povo é essencial para interpretar suas práticas culturais, religiosas e sociais. No caso do povo Igbo, são um dos maiores grupos étnicos da Nigéria, concentrados principalmente no sudeste do país, falam a língua Igbo e têm uma rica tradição cultural, espiritual e artística. Os Igbo têm uma forte estrutura comunitária, valorizam a ancestralidade, essa visão de mundo é profundamente entrelaçada com a religião tradicional conhecida como Odinani.

Essa religiosidade não se apresenta como um sistema dogmático, mas como um conjunto orgânico de crenças que orientam a vida cotidiana, as relações sociais e a percepção do indivíduo sobre si mesmo e sobre o universo. A sociedade Igbo é marcada por uma estrutura descentralizada, com forte valorização da ancestralidade, da coletividade e da conexão espiritual com forças invisíveis. A religião *Odinani* reflete essa complexidade ao integrar elementos como os *Deuses* (alusi), os ancestrais (ndichie) e o *Chi*.

Esses componentes não apenas organizam o mundo espiritual, mas também moldam a identidade dos indivíduos e das comunidades, funcionando como pilares éticos e existenciais. A cultura Igbo, portanto, não pode ser dissociada de sua espiritualidade. A relação entre o ser humano e o sagrado é vivida de forma prática, simbólica e ritualística, permeando desde os ritos de passagem até as decisões políticas e familiares.

A identidade Igbo é construída na intersecção entre tradição oral, mitologia, práticas religiosas e valores comunitários, o que torna a análise de personagens como Okonkwo, no romance *O Mundo se Despedaça*, uma oportunidade valiosa para compreender os conflitos gerados pelo choque entre essa cosmovisão ancestral e a imposição de valores coloniais e cristãos.

A religião tradicional Igbo é uma das muitas religiões originárias do continente africano que, apesar dos embates durante o período colonial, continua sendo praticada por milhões de pessoas na Nigéria e em outras partes do mundo. Na Nigéria, existem muitas outras etnias além

dos Igbos, o país é um verdadeiro mosaico cultural. Com mais de 370 grupos étnicos reconhecidos oficialmente, a Nigéria é uma das nações mais diversas do mundo. A religiosidade do povo Igbo é rica e diversa, e cada região da África possui tradições próprias no culto aos deuses, influenciadas por fatores como cultura local, língua e identidade étnica.

Em uma análise mais profunda, a estrutura religiosa tradicional do Igbo é baseada no conceito de religião que recebe o nome de *Odinani*, que significa “o caminho dos ancestrais” ou “a lei da terra”. *Odinani* é uma religião politeísta que reconhece um Deus supremo o qual recebe o nome de *Chukwu*, criador do mundo e de tudo que nele existe, inclusive a natureza, é composta por divindades complementares, e essenciais na dinâmica espiritual.

Essas forças divinas são chamadas de *Alusi*, cada um representa uma potência, uma energia vital que rege a natureza e da vida humana e cultuam os espíritos dos ancestrais, chamados *ndiichie*, que serão aprofundados a seguir.

Na crença Igbo os *Alusis* têm a missão de intermediar entre o *Chukwu* (Deus supremo) e os humanos, ou seja, conecta o cosmo divino e espiritual com o cosmo material. Atualmente, essas divindades intermediárias, os *Alusi*, são cultuados tanto em santuários familiar, como em templos maiores construídos para grandes cultos e louvores a, onde sacerdotes ou sacerdotisas realizam rituais e oferendas Aos Deuses africano.

No *O Mundo se Despedaça*, Chinua Achebe constrói uma narrativa profundamente enraizada na cosmovisão Igbo, onde as divindades e ancestralidades exercem papel central na organização social, moral e espiritual da comunidade de Umuofia.

A seguir, destacam-se algumas das principais divindades mencionadas no romance e seus significados dentro da crença Igbo: *Ani* (ou *Ala*), é a Deusa da terra e da moralidade, Representa a justiça, fertilidade e o vínculo entre os vivos e os mortos, é invocada em julgamentos e rituais, sendo considerada a guardiã das leis e costumes sua presença reforça o papel da religião como reguladora da vida social.

*Agbala*, é o Deus oracular que fala através da sacerdotisa, consultado em momentos de crise ou dúvida, como quando Okonkwo busca orientação após transgredir tabus, representa a voz dos ancestrais e a sabedoria espiritual. *Amadioha*, é o Deus do trovão e da justiça. Embora menos presente diretamente, é mencionado como força punitiva contra os que desafiam a ordem divina, simboliza o poder e a retribuição divina.

*Ifejoku*, é o Deus ligado ao cultivo do inhame, alimento sagrado entre os Igbo, é evocado em rituais agrícolas, reforçando a conexão entre espiritualidade e subsistência.

*Idemili*, é a Deusa do rio, associada à pureza e continuidade, sua menção reforça a importância dos elementos naturais como manifestações do sagrado. *Ogwugwu*, Deusa

poderosa, ligado à fertilidade e à proteção, representa o poder espiritual feminino dentro da cosmologia Igbo. *Agwu*, é o espírito da adivinhação e cura. Presente nas práticas dos curandeiros e sacerdotes, simbolizando o equilíbrio entre corpo e espírito.

*Ikenga*, significa literalmente “força do braço direito”, o lado da ação e da realização. É o deus que impulsiona o indivíduo a vencer desafios, alcançar metas e prosperar, representa a ambição, a honra e a realização pessoal, valores centrais para Okonkwo. Está associado à guerra, à liderança, à coragem e à determinação, simbolizando força, proteção e vitória. *Ikenga* é visto como uma extensão ou manifestação do *Chi* (espírito pessoal), reforçando o poder interior de cada pessoa. Cada *Alusi* tem uma função específica e é cultuado em santuários locais, com esculturas e rituais próprios.

Ao explorar a cosmovisão Igbo e os fundamentos da religião *Odinani*, percebemos como os deuses ocupam um papel central na organização espiritual e moral da comunidade, atuando como forças cósmicas que regem a natureza, a justiça e o equilíbrio. No entanto, a espiritualidade Igbo não se limita ao culto aos deuses: ela se desdobra em dimensões mais íntimas e ancestrais, onde o destino individual e a memória coletiva se entrelaçam.

É nesse contexto que emergem o *Chi*, o espírito pessoal e os *Ndịichie*, os ancestrais venerados como pilares fundamentais da experiência religiosa e existencial. A seguir, aprofundaremos essa relação entre o eu espiritual e a ancestralidade, revelando como essas forças moldam não apenas o caminho de cada indivíduo, mas também a continuidade da vida e da tradição Igbo.

### **8.1 O Chi e os Ancestrais: Forças Espirituais que Moldam o Destino**

Além dos *Alusis*, a cosmologia religiosa dos Igbos também se fundamenta em outras entidades espirituais de grande relevância: o Deus pessoal, denominado *Chi*, e os espíritos ancestrais, conhecidos como *Ndịichie*. Ambos são concebidos como forças cósmicas que exercem influência direta sobre a vida individual e coletiva, funcionando como mediadores entre o plano espiritual e a realidade humana. Representam não apenas elementos de culto, mas também expressões simbólicas da memória coletiva, da continuidade intergeracional e da conexão entre destino pessoal e identidade comunitária.

No contexto da Tradição espiritual do povo Igbo, os ancestrais representam uma categoria espiritual de elevada importância, sendo concebidos como entidades que transcendem a morte física e permanecem ativamente envolvidas na vida dos descendentes. Esses antepassados, reconhecidos por sua conduta ética e contribuição à coletividade em vida, são

reverenciados por meio de rituais e práticas devocionais que visam manter a continuidade entre o mundo visível e o invisível.

A presença ancestral não apenas reforça os valores comunitários e a coesão social, como também influencia diretamente a constituição do *Chi*, o princípio espiritual individual que rege o destino e a trajetória existencial de cada pessoa. Embora o *Chi* seja único e pessoal, ele não se forma isoladamente: está enraizado numa rede espiritual ancestral que transmite valores, predisposições e forças invisíveis que moldam a trajetória existencial do indivíduo. Os ancestrais atuam como mediadores entre o mundo terreno e o divino, intercedendo em rituais e práticas espirituais para alinhar o *Chi* com o propósito cósmico.

Além disso, oferecem orientação moral e existencial por meio da memória coletiva, dos provérbios e das narrativas que educam o espírito e fortalecem a identidade. Em muitos casos, acredita-se que o *Chi* seja uma reencarnação ou continuação de um ancestral específico, reforçando a ideia de que a vida é cíclica e que o destino individual está entrelaçado com a missão espiritual da linhagem. Assim, compreender o papel dos ancestrais é essencial para analisar o *Chi* como elemento estruturante da espiritualidade e da identidade Igbo.

Os ancestrais ocupam um lugar sagrado na espiritualidade Igbo. Após a morte, aqueles que cumpriram certos requisitos, como ter uma boa reputação, filhos, morte natural e rituais fúnebres adequados, passam por um processo de ancestralização, tornando-se espíritos protetores da família e da comunidade a qual pertence. Esses espíritos habitam o *ala mmuo*, ou “terra dos espíritos”, e podem se comunicar com os vivos por meio de sonhos, sinais e oráculos.

Na tradição Igbo, os mortos que recebem os rituais funerários apropriados são considerados ancestrais e chamados de *Ndị Ichie* ou *Ndị nna ochie*, expressões que significam “os pais antigos” ou “os ancestrais”. Para alcançar esse status, é essencial que o falecido seja enterrado conforme os costumes e que se realize o *Ikwa Ozu*, um ritual de segunda sepultura que celebra a transição do espírito para o mundo ancestral. Sem esses ritos, acredita-se que o espírito permanece errante, sem repouso.

Os ancestrais Igbo são vistos como guardiões espirituais da família e da comunidade, sendo frequentemente invocados em orações, cerimônias e decisões importantes, pois continuam influenciando e protegendo os vivos mesmo após a morte. Os ancestralizados são venerados e cultuados em um lugar sagrado no agregado familiar (*a casa de feitiço*), onde se comunica com sua linhagem de descendentes. Achebe, descreve como Okonkwo ergueu sua casa de feitiço nas terras materna ao ser exilado “ergueu seu obi e mais três cabanas para as esposas. Em seguida, instalou seu deus pessoal e os símbolos de seus ancestrais” (Chinua Achebe, 2009, p.134).

Desse modo, os Ndịichie são cultuados com música, danças, rezas, oferendas e sacrifícios animais, sendo consultados em momentos de crise ou celebração. Vistos como guardiões espirituais da família e da comunidade, são frequentemente invocados em orações, cerimônias e decisões importantes, pois continuam influenciando e protegendo os vivos mesmo após a morte. Achebe descreve um ritual ancestral realizado por Uchendu, tio de Okonkwo, durante a cerimônia de casamento do filho de Uchendu: “Uchendu então pegou a galinha, cortou-lhe o pescoço com uma faca afiada e deixou que parte do sangue caísse sobre o cajado dos ancestrais” (Achebe, 2009, p. 142).

O gesto de cortar a galinha e derramar seu sangue sobre o cajado dos ancestrais representa uma invocação espiritual e uma oferta ritual. Esse tipo de prática é comum na religião Odinani, onde os ancestrais são reverenciados como forças vivas que protegem e orientam os membros da comunidade. O sangue, nesse contexto, é um elemento de ligação entre o mundo físico e o espiritual, uma forma de garantir bênçãos, proteção e continuidade familiar.

A descrição do rito reforça como Achebe utiliza os ritos tradicionais para mostrar a profundidade da espiritualidade Igbo e sua presença nas etapas da vida, como o casamento. O ato ritual não é apenas simbólico, ele é uma afirmação da identidade cultural, da memória ancestral e da coletividade espiritual que sustenta a sociedade Igbo.

Outra expressão da memória ancestral aparece quando Achebe destaca o respeito à ancestralidade materna, que acolhe seus descendentes e os consola diante dos desgostos que os levaram ao exílio. Isso é evidenciado na fala de Uchendu, tio de Okonkwo, ao repreendê-lo durante seu desânimo nas terras maternas: “A mãe ali está para protegê-lo. Ela foi enterrada ali. E é esse o motivo que nos leva a dizer que a mãe é suprema. Você acha, portanto, que está certo, Okonkwo, você vir à presença de sua mãe com a cara fechada e se recusar a ser confortado?” (Achebe, 2009, p. 134).

Acreditava-se que a mãe enterrada na terra natal continuava a proteger seus filhos e filhas mesmo após a morte. Assim, a figura materna é vista como fonte de consolo, proteção e continuidade. Esse trecho revela a importância da ancestralidade como fonte de proteção espiritual: para os Igbo, a mãe é suprema, e os ancestrais atuam como intermediários entre os vivos e os deuses.

Essas práticas evidenciam a profunda conexão entre os vivos e os mortos, revelando que a ancestralidade não se encerra com o sepultamento, mas se prolonga em rituais que reafirmam os laços espirituais e comunitários. Ludovic Lado, em entrevista concedida ao Instituto Humanitas Unisinos em 2020, complementa essa visão ao descrever o local sagrado onde os crânios dos ancestrais são guardados: “Após o enterro e o período de luto, aguardam-se alguns

anos antes de se organizar uma cerimônia para exumar o crânio e trazê-lo de volta ao santuário da família [...] onde os descendentes do morto que foram ancestralizados vêm para fazer as oferendas”.

Esse santuário familiar era a *casa de feitiço* representada no romance onde Okonkwo realizava cultos a ancestralidades tanto em Umófia quanto em Mbanta. O nome de ancestral é escolhido pelos parentes, geralmente com auxílio de um adivinho, sacerdotes, e reflete as virtudes do morto. Os ancestrais são considerados modelos de conduta, fontes de sabedoria e guardiões da moralidade. Por outro lado, os mortos que não são ancestralizados, são vistos como errantes, inquietos ou desconectados do clã. Eles não recebem culto, não são invocados, e não têm lugar no santuário familiar e são excluídos do culto e vistos como espíritos impuros, vagando sem paz até que se purifiquem ou reencarnem.

A ideia de que eles “vagam sem paz” está ligada à crença de que, sem os ritos de passagem e purificação, o espírito não encontra repouso no *ala mmuo* (terra dos espíritos). Embora a tradição Igbo não siga os moldes de reencarnação do espiritismo ou do hinduísmo, sua cosmovisão admite que os espíritos retornem à terra, especialmente por meio da linhagem familiar, preservando a continuidade dos ancestrais.

A purificação espiritual pode ocorrer por meio de rituais, tempo, ou intervenção divina. Uma vez purificado, o espírito pode: ser ancestralizado tardiamente (em alguns casos), reencarnar em um novo corpo, geralmente dentro da mesma família ou clã. Essa reencarnação é vista como uma segunda chance de cumprir o destino, restaurar a honra ou corrigir desequilíbrios espirituais.

Em resumo: sim, os espíritos não ancestralizados podem passar por um processo de purificação espiritual, e isso pode abrir caminho para que eles reencarnem ou encontrem paz. Mas esse processo é mais simbólico e ritualístico do que sistematizado como em outras religiões. Ao reconhecer os ancestrais como mediadores entre o mundo visível e o invisível, torna-se possível aprofundar a análise sobre o *Chi*, cuja constituição espiritual também depende dessa interação entre indivíduo, linhagem e destino.

O *Chi* é uma entidade espiritual íntima, que expressa o destino e o caráter de cada pessoa. Segundo a tradição Igbo, cada indivíduo nasce com um *Chi* que pode ser bom ou mau, forte ou fraco, e que determina seu sucesso ou fracasso na vida. Achebe, em *O Mundo se Despedaça*, ilustra essa crença ao afirmar: “Se poderia dizer que seu *chi*, ou deus pessoal, era muito bom. Mas o povo Igbo tem um provérbio no qual se afirma que, quando um homem diz sim, seu *chi* também diz sim. Okonkwo dissera sim com muita força; e por isso seu *chi* concordara. E não somente seu *chi*, mas também todo o clã” (Achebe, 2009. p. 29.).

O *Chi* se comunica com o indivíduo por meio de sonhos, visões e intuições, sendo ao mesmo tempo guia, guardião e juiz. Ele é cultuado por meio de orações, oferendas e sacrifícios, e honrado pela coragem, justiça e generosidade. No entanto, o *Chi* também pode representar limites intransponíveis. A trajetória de Okonkwo revela essa tensão entre vontade e destino: “Era evidente que seu deus pessoal, ou chi, não estava fadado a grandes feitos. E homem algum conseguiria elevar-se acima do destino de seu chi. [...] Pois ali estava alguém que, apesar de afirmar-se com força, tinha um chi que dizia não” (Achebe, 2009. p. 30).

Essa ambiguidade mostra que, embora o indivíduo possa agir com determinação, o destino traçado por seu *Chi* permanece soberano. Nesse sentido, é importante compreender que essa soberania do *Chi* não representa uma limitação arbitrária imposta pela religião Igbo, mas sim uma expressão profunda da interdependência entre liberdade e destino. O *Chi* não é um agente de punição, mas um reflexo espiritual da jornada de cada indivíduo, moldado por suas escolhas, ações e pela harmonia com os valores do clã.

A trajetória de Okonkwo, marcada por esforço e tragédia, não deve ser entendida como uma condenação da espiritualidade Igbo, mas como uma ilustração da tensão entre vontade pessoal e os ritmos coletivos da vida. Achebe, ao retratar essa complexidade, não nega a força do *Chi*, mas convida o leitor a refletir sobre como o destino é construído em diálogo com a comunidade, os ancestrais e os próprios limites humanos.

A religião Igbo, longe de apresentar uma visão fatalista, revela uma cosmologia dinâmica, na qual o indivíduo é convocado a viver com coragem, respeito e sabedoria, em harmonia com seu *Chi* e com os espíritos ancestrais que preservam a memória e asseguram a continuidade da vida. Essa espiritualidade articula o *Chi* e os *Ancestrais* como forças complementares que moldam tanto a existência individual quanto a coletiva.

O *Chi* representa o destino pessoal, enquanto os ancestrais garantem a proteção familiar e a perpetuação da memória. Ambos são cultuados com reverência, sendo fundamentais para compreender a relação entre o mundo visível e o invisível, entre o presente e o eterno. Por meio dessas entidades, os Igbo constroem uma espiritualidade viva, dinâmica e profundamente enraizada na tradição.

Essa complementaridade entre o Deus pessoal e os espíritos Ancestrais revela uma espiritualidade que transcende o plano metafísico, manifestando-se na vida cotidiana, na linhagem familiar e na responsabilidade ética. O *Chi*, como essência divina individual, é concebido como guia do destino, uma presença íntima que acompanha o sujeito ao longo da vida, influenciando suas escolhas, conquistas e fracassos.

Já os *Ndichie*, espíritos dos antepassados que viveram com honra e foram devidamente ancestralizados, atuam como guardiões da moral, da tradição e da coesão comunitária. Juntos, essas entidades formam um sistema espiritual que conecta o indivíduo à sua origem, à sua comunidade e ao cosmos, reafirmando que, na religião *Odinani*, o destino não é apenas uma trajetória pessoal, mas uma herança espiritual compartilhada.

Os *Alusis*, o *Chi* e os *Ancestrais* não são meras figuras mitológicas, mas pilares que sustentam a identidade cultural dos Igbo até os dias atuais. Chinua Achebe os utiliza para evidenciar como a espiritualidade Igbo está entrelaçada aos ritos de passagem, às decisões políticas e aos conflitos internos da comunidade. É justamente com o surgimento dos conflitos religiosos que esse sistema começa a se fragmentar, e é nesse embate espiritual que, simbolicamente, “o mundo se despedaça”.

## 8.2 Manifestações Religiosas na Crença Igbo: Ritos e Simbolismo

A espiritualidade ancestral dos Igbo manifesta-se por meio de rituais e símbolos que expressam não apenas a fé, mas também a cultura e a identidade coletiva. Chinua Achebe, em *O Mundo se Despedaça*, retrata com sensibilidade e profundidade essas práticas, revelando como elas estruturam o cotidiano e os valores da comunidade.

Os rituais envolvem a comunicação com Chukwu, o Deus supremo, com os Alusi, divindades intermediárias, e com os *ndichie*, espíritos ancestrais, por meio de dádivas rituais, atos de consagração, invocações, cânticos sagrados e expressões corporais simbólicas. Tais práticas não se limitam ao aspecto cerimonial, mas constituem formas profundas de conexão, entre o plano terreno e o espiritual, estabelecendo vínculos entre Chukwu, os vivos e os ancestrais. Nessa cosmovisão, o divino é representado por símbolos e manifesta-se através de rituais específicos e singulares, que traduzem a espiritualidade e a visão de mundo do povo Igbo.

Entre os símbolos mais significativos está o *ikenga*, uma escultura de madeira em forma humana com chifres, que representa força, sucesso e realização pessoal. Cada homem Igbo possui seu próprio *ikenga*, guardado em um altar doméstico e reverenciado com oferendas de sangue, óleo de palma e *kolanut*. Antes de qualquer empreendimento importante, seja uma viagem, uma guerra ou um negócio, o *ikenga* é consultado, evidenciando sua centralidade na vida espiritual e prática dos indivíduos.

Outro símbolo de destaque é o *mbari*, uma casa-templo construída em honra à Deusa da terra, Aní, e a outros Alusi. Decorado com esculturas de argila que retratam cenas da vida cotidiana, mitologia e natureza, o *mbari* é um ato de devoção que pode levar meses para ser

concluído. Após sua inauguração, é deixado à mercê dos elementos, simbolizando a efemeridade da existência e a entrega à divindade.

Os rituais também ocupam papel fundamental, por exemplo, o kolanut ou noz de Cola como é representado por Achebe. *O kolanut*, fruto da árvore *Cola acuminata*, esse fruto é sagrado e possui um papel profundamente simbólico nas culturas da África Ocidental, especialmente entre os povos Igbo. Mais do que uma simples noz, ele representa vida, respeito, unidade e conexão espiritual. Em cerimônias tradicionais, o kolanut é oferecido como gesto de boas-vindas, sendo compartilhado entre os presentes como sinal de paz e fraternidade.

Seu uso ritualístico está ligado à invocação dos ancestrais, à bênção dos encontros e à consagração de decisões importantes. Ao ser partido e distribuído, o kolanut transforma-se em um elo entre o mundo físico e o espiritual, reforçando valores comunitários e a ancestralidade como pilares da identidade coletiva.

O *Iri Ji*, ou Festival do Inhame Novo, é uma celebração tradicional dos Igbo que marca a colheita do principal alimento da comunidade. Realizado ao fim da estação chuvosa, envolve rituais de purificação e agradecimento ao Deus *Njoku Ji*. O evento simboliza renovação espiritual, fartura e união social. Com danças, músicas e pratos típicos, fortalece os laços culturais e comunitários. É um momento de alegria coletiva e reafirmação da identidade ancestral. Mais que uma festa agrícola, representa a conexão entre o povo, a terra e o sagrado.

A centralidade da terra na cultura Igbo é evidenciada pelo culto à Deusa *Ani*, considerada fonte de toda fertilidade e guardiã da moralidade. Achebe destaca que: “de todas as deidades, *Ani* era a que desempenhava o papel mais importante na vida do povo. Era o juiz supremo da moral e da conduta. E ainda por cima estava em íntima comunhão com os antepassados do clã, cujos corpos tinham sido confiados à guarda da terra” (ACHEBE, 2009, p. 53). Essa ligação entre espiritualidade, ancestralidade e território reforça a cosmovisão Igbo como profundamente enraizada na terra e em seus ciclos.

Essa centralidade da terra como espaço sagrado manifesta-se também na reverência a seres naturais, cuja presença reforça a ligação entre espiritualidade, território e ancestralidade. Entre os diversos elementos que compõem a dimensão sagrada da cultura Igbo, destaca-se o culto à jiboia, animal profundamente reverenciado por seu simbolismo espiritual.

Considerada mensageira dos deuses e dos antepassados, ela representa prosperidade, fertilidade e mantém uma íntima conexão com a divindade *Ani*, deusa da terra e guardiã da moralidade e da justiça.

Na cultura Igbo, a jiboia não é caçada nem consumida. Caso seja encontrada morta, realiza-se um funeral cerimonial, semelhante ao de um ser humano, evidenciando o respeito e

a sacralidade atribuídos ao animal. Esse ritual expressa não apenas reverência, mas também a profunda conexão entre os igbos e o mundo espiritual. O contraste com a visão cristã é marcante, para os missionários colonizadores, a serpente é símbolo de maldição, associada ao pecado original de Adão e Eva.

Essa divergência revela um choque entre cosmovisões: enquanto os Igbos veem a jibóia como sagrada, os colonizadores a interpretam como impura e demoníaca. No romance, esse conflito se materializa quando um convertido ao cristianismo mata uma jibóia sagrada, provocando a ira da comunidade tradicional e culminando na intervenção da polícia europeia, em favor dos catequizados. O episódio ilustra a perda da liberdade religiosa e o desrespeito à identidade espiritual Igbo, evidenciando as tensões entre tradição e colonização.

### 8.3 A Casa De Feitiço E O Papel Dos Oráculos

A chamada “casa de feitiço”, também conhecida como relicário ou santuário doméstico, é um espaço sagrado de extrema importância para o povo Igbo. Trata-se de um local onde se cultuam os ancestrais, Deuses e antepassados ancestralizados, e o *chi* pessoal. Mais do que um simples altar, a casa de feitiço representa um templo íntimo, onde são realizados rituais, oferendas e orações voltadas à proteção espiritual, à cura e ao equilíbrio energético.

No romance *Achebe* descreve esse espaço com riqueza de detalhes, revelando sua função espiritual e social. O protagonista Okonkwo mantém em sua casa de feitiço imagens de madeira representando seu deus pessoal e os espíritos de seus antepassados, aos quais oferece “sacrifícios de noz de cola, comida e vinho de palma, além de orações por si mesmo e por sua família” (Chinua Achebe, 2009, p. 23).

Achebe ainda descreve a estrutura física do santuário como uma construção circular de barro endurecido, com entrada baixa e estreita, exigindo que o visitante se curve ao entrar, gesto que simboliza reverência. No interior, havia “crânios humanos dos antepassados e um saco de couro contendo os símbolos do *chi* pessoal de Okonkwo” (Chinua Achebe, 2009, p. 23).

A casa de feitiço do Igbo é mais do que um lugar de magia, é um lugar de oração e rezas. É lugar de memória onde eles se reconectam com seus ancestrais, com suas raízes, com o seu destino e fortalecer sua fé, revelando-se mais um elemento simbólico essencial para a compreensão da religiosidade desse povo, assim, é um espaço de se preservar a espiritualidade ancestral

Sob diferentes perspectivas religiosa e cultural, a casa de feitiço representa a intersecção entre o mundo físico e espiritual. É nela que se realiza a comunicação com os antepassados, a busca por cura e equilíbrio, e a reafirmação da identidade Igbo. Sua presença na narrativa

literária é uma forma de valorizar e preservar a riqueza da tradição africana, reafirmando o papel central da espiritualidade na vida cotidiana desse povo.

Na tradição espiritual do povo Igbo, os oráculos ocupam um papel central como mediadores entre o mundo humano e o mundo espiritual, representam a voz dos deuses e dos ancestrais, sendo consultados em momentos de dúvida, crise ou tomada de decisões importantes. Essa função é encarnada pelo oráculo de *Agbala*, divindade da profecia e da adivinhação, cuja presença é simbolizada por uma caverna escura, espaço de mistério e revelação.

Ao consultar os oráculos é revelando a vontade dos deuses por meio de sacerdotes e sacerdotisas. Achebe descreve que “as pessoas vinham de longe e de perto consultá-lo. Vinham quando o infortúnio lhes batia à porta, ou quando tinham uma disputa com os vizinhos. Vinham para descobrir o que o futuro lhes reservava ou para consultar os espíritos de seus antepassados” (Chinua Achebe, 2009, p. 53). O oráculo é respeitado como conselheiro e juiz, capaz de ver o passado e presente e ainda de prever o futuro, e até mesmo de proibir guerras quando considera que não há justiça ou que a derrota é certa.

O oráculo de *Agbala* ordena o sacrifício de *Ikemefuna*, jovem que *Okonkwo* considerava como filho, como parte de um ritual de justiça e equilíbrio espiritual. *Ikemefuna* havia sido entregue à aldeia de *Umuofia* como compensação por um crime cometido por outro clã. Embora tenha vivido por anos com *Okonkwo* e sua família, tornando-se quase como um filho, ele ainda era considerado um “refém ritualístico”.

Na cosmovisão Igbo, o oráculo atua como mediador e suas ordens não são questionadas, são vistas como expressão direta da vontade divina. Quando o oráculo determina que *Ikemefuna* deve ser sacrificado, isso representa uma tentativa de restaurar a ordem cósmica e evitar que o desequilíbrio espiritual se espalhe pela comunidade.

Achebe descreve esse momento com tensão emocional e crítica implícita. *Okonkwo*, mesmo relutante, participa do sacrifício para não parecer fraco diante dos outros homens do clã. Esse ato revela o conflito entre dever social, masculinidade e afeto pessoal, e marca o início da queda de *Okonkwo* como herói trágico.

Em resumo, o oráculo ordena o sacrifício não por crueldade, mas como parte de um sistema religioso que busca manter a harmonia entre os mundos, ainda que isso custe profundamente à vida emocional dos personagens, também é ele quem prevê a destruição da aldeia de *umofia* pelos colonizadores brancos. Achebe destaca que “o clã jamais fora à guerra sem que tivesse razão clara e justa, aceita como tal pelo oráculo, o Oráculo das Colinas e das

Grutas” (Chinua Achebe, 2009, p.17). Essa autoridade espiritual revela a profundidade da religiosidade Igbo e sua relação com a justiça, a ética e o destino coletivo.

Durante o período colonial, a prática oracular foi duramente reprimida pelos europeus, que a consideravam supersticiosa e incompatível com o cristianismo. Muitos sacerdotes foram perseguidos, mortos ou forçados ao silêncio, e seus instrumentos sagrados destruídos. Ainda assim, o conhecimento foi preservado por meio da oralidade e levado para o Novo Mundo, onde se misturou a outras tradições religiosas africanas e indígena.

A compreensão do papel dos oráculos e da Casa de Feitiço na estrutura espiritual do clã Igbo evidencia não apenas a importância da articulação entre os planos espiritual e terreno, mas também a forma como essas práticas são sustentadas por uma tradição oral robusta. É justamente essa oralidade, presente nas consultas, nos provérbios, nas narrativas míticas e nas instruções dos anciãos, que garante a continuidade dos saberes religiosos e cosmológicos ao longo das gerações.

Assim, ao avançarmos para o próximo capítulo, exploraremos como a oralidade se configura como uma ferramenta essencial de perpetuação da religiosidade, funcionando como elo entre passado, presente e futuro dentro da cosmovisão africana.

## **9. A ORALIDADE COMO FERRAMENTA RELIGIOSA DE PERPETUAÇÃO**

A oralidade ocupa um lugar central na cultura Igbo, funcionando como o principal meio de transmissão de saberes, crenças e práticas religiosas. Em *O Mundo se Despedaça*, Chinua Achebe constrói uma narrativa profundamente enraizada na cultura Igbo, e a oralidade é uma das grandes forças que sustentam essa tradição religiosa e identitária. E evidencia como as tradições espirituais são ensinadas e perpetuadas por meio da fala, da escuta e da repetição ritualística. A ausência de registros escritos não representa uma limitação, muito menos uma negação epistemológica da validade dos saberes transmitidos oralmente, mas sim uma escolha cultural que valoriza a memória coletiva e a vivência comunitária.

Os ensinamentos religiosos são repassados de geração em geração por meio de provérbios, mitos (lendas), cantos, narrativas, rezas, rituais, e discursos cerimoniais e até mesmo através de culinárias, danças e vestimentas. Essa oralidade não apenas preserva o conteúdo das crenças, mas também molda o modo como elas são sentidas e vividas, como observa o próprio Achebe, “os provérbios são o óleo com que se come o Igbo”, revelando que o saber tradicional é inseparável da linguagem e da performance verbal.

A figura dos anciãos, sacerdotes e líderes comunitários é fundamental nesse processo. São eles os guardiões das palavras, responsáveis por ensinar os rituais, interpretar os sinais dos

deuses e orientar os mais jovens nos caminhos da espiritualidade. A oralidade, nesse contexto, é mais do que meio de comunicação, é um instrumento de sacralização, que transforma o cotidiano em espaço de transmissão do sagrado.

A perpetuação das crenças por meio da oralidade também reforça a identidade coletiva dos Igbo. Ao escutar histórias sobre os deuses, os ancestrais, o Chi e todos os feitos dos antepassados, os indivíduos se reconhecem como parte de uma linhagem espiritual. Entre as diversas formas de apagamento impostas pelo colonialismo, destaca-se a tentativa de substituir a palavra viva pela palavra registrada, por meio da escrita ocidental.

Assim, a oralidade se revela como um mecanismo de resistência, preservação e renovação da religiosidade Igbo. Em Achebe, ela não é apenas pano de fundo: é estrutura narrativa, voz ancestral, memória viva que sustenta a fé e a cultura de um povo.

Mais do que um simples meio de comunicação, a oralidade revelou-se um poderoso instrumento de resistência cultural e espiritual para o povo Igbo e também para outras etnias Africana e no mundo. Por meio dessa oralidade e ensinamentos transmitidos dos mais velhos para os mais jovens, a religiosidade Odinani, assim como muitas outras tradições da África, sobreviveu não apenas à imposição colonial e às tentativas de apagamento cultural, mas também à brutalidade da escravidão e ao deslocamento forçado na diáspora africana.

Mesmo longe de sua terra natal, os descendentes Igbo e outros povos originários do continente africano mantiveram viva a memória de seus Deuses, Ancestrais e o Chi, recriando espaços de espiritualidade e identidade em contextos adversos. Logo, a oralidade não apenas preservou saberes e religiosidade, mas também reafirmou a dignidade e identidade de um povo que se recusou a ser silenciado, nem na África, muito menos na diáspora.

Posso afirmar com convicção: sem a oralidade, Chinua Achebe não teria conseguido resgatar e compartilhar a memória, a crença, a identidade e a religiosidade de um povo — com o mundo e com tantos descendentes que, por séculos, desconheciam sua história e raízes. Isso porque *O mundo se despedaça* é narrado por um colonizado que recusou-se a aceitar ver sua história contada e recontada de forma errônea e racista pelos europeus brancos durante séculos.

Assim como as narrativas europeias atravessaram gerações disseminando crueldade e racismo, romantizando o ato de colonizar e escravizar. Chinua Achebe rompe barreiras, quebra paradigmas e desconstrói o racismo em todas as suas formas de manifestação, especialmente o religioso e o racial, e nos revela que *O mundo se despedaça* é mais do que uma obra literária, é um ato de resistência.

Esse ato de contar, de resgatar crenças, mitos e identidades por meio da palavra, aproxima Achebe de uma tradição ancestral africana: a dos griôs. Embora os Igbo não utilizem

esse termo, a função que os griôs exercem — como guardiões da memória oral, transmissores de saberes espirituais e históricos — também se manifesta entre os anciãos, sacerdotes e contadores de histórias da cultura Igbo.

Na tradição africana, a oralidade é mais do que um meio de comunicação — é uma ferramenta sagrada de perpetuação dos saberes religiosos, cosmológicos e éticos. Especialmente no contexto religioso, os ensinamentos sobre os sagrados, os rituais, celebrações, os tabus e os mitos de criação são transmitidos por meio da fala, da escuta e da memória coletiva. Essa dinâmica encontra paralelo na figura dos *griôs*, presentes em diversas culturas africanas, como os Mandinga, Yoruba e Fula.

Os *griôs*, assim como os anciões são considerados bibliotecas vivas, responsáveis por preservar e transmitir oralmente os mitos, genealogias, provérbios e histórias sagradas de seus povos e de seus Deus. Como afirmou o pensador Maliano Amadou Hampâté Bâ, durante uma sessão do Conselho Executivo da UNESCO em 1962: “Na África, quando um ancião morre, é uma biblioteca que se queima” A frase, dita em resposta a um comentário racista, revela a profundidade da oralidade como fonte legítima de conhecimento, espiritualidade e identidade.

Ao reconhecer a oralidade como ferramenta religiosa, é possível compreender que o saber espiritual africano não depende da escrita para existir — ele vive na voz, no corpo, no ori, na performance e na escuta ativa. Assim, tanto em Odinani quanto nas tradições religiosa africana, a palavra falada é ato de fé, ritual de memória e instrumento de resistência cultural.

A oralidade, portanto, é um fio que atravessa tempos e territórios. Seja na África, na diáspora ou nas páginas de Achebe, ressalto que ela permanece como ferramenta de resistência, cura e preservação identitária. Encerrar este capítulo com a reflexão sobre a responsabilidade que carrega os anciãos (*griôs*) é reconhecer que, mesmo sem escrita, há bibliotecas vivas que vivem entre nós, preservando o que não pode ser esquecido. É lembrar de não se calar diante da brutalidade do homem branco que tentou nos silenciar.

## 10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar os conflitos e as práticas religiosas presentes no romance *O Mundo se Despedaça*, de Chinua Achebe, por meio das referências ao personagem Okonkwo. Ao longo da pesquisa, foi possível compreender como a trajetória de Okonkwo representa não apenas um indivíduo em crise, mas também um símbolo da resistência cultural e espiritual do povo Igbo diante da colonização europeia.

A investigação percorreu o contexto literário e histórico da obra *O Mundo se Despedaça*, articulando a influência de *Heart of Darkness* e o posicionamento crítico de Chinua Achebe frente ao racismo colonial, especialmente no campo da representação da África de seus povos. As escolhas linguísticas e narrativas do autor, como a opção por escrever em inglês e a valorização da oralidade, revelam um esforço consciente de resgate da identidade africana e de reconstrução simbólica diante da hegemonia cultural europeia.

A análise da cosmovisão Igbo, da religião Odinani e da oralidade como ferramenta de perpetuação espiritual evidenciou a riqueza ritualística e a profundidade simbólica que sustentam a cultura retratada no romance. Nesse cenário, a figura de Okonkwo emerge como guardião da tradição, enfrentando o choque entre mundos com firmeza, mas também com dor e ruptura. Sua resistência, marcada por rigidez e sofrimento, torna-se um reflexo das tensões vividas pelo povo Igbo, revelando o impacto devastador da imposição colonial sobre sistemas religiosos ancestrais, sociais e identitários.

Reconhece-se que, apesar da amplitude temática abordada, o foco principal recaiu sobre *O Mundo se Despedaça*, com ênfase nos conflitos religiosos e nas práticas culturais do povo Igbo. Ainda assim, o trabalho não se limitou à análise da obra em si: foram mobilizadas diversas literaturas e pesquisas que abordam a África, o povo Igbo, as tradições religiosas africanas, a trajetória do autor e os desdobramentos históricos e espirituais que atravessam o romance. Essa escolha metodológica permitiu uma leitura mais ampla e crítica, evidenciando como a narrativa de Okonkwo se entrelaça com questões identitárias, espiritual, coloniais e religiosas.

Referências como *Authenticity of Belief in African Traditional Religion*, de A.E. Ndiukwu, e *African Origins of the Major World Religions*, de Saakana e Ben-Jochannan, contribuíram para aprofundar a compreensão da espiritualidade africana em sua complexidade. Ensaaios como *An Image of Africa* e *Hopes and Impediments*, do próprio Achebe, ofereceram reflexões sobre o colonialismo e a representação da África na literatura ocidental.

Além disso, estudos contemporâneos como os de Alessandra Chagas e Camila Vieira ampliaram o diálogo com outras vozes africanas, evidenciando a resistência cultural e o resgate

das memórias ancestrais. Assim, mesmo diante da impossibilidade de esgotar todas as dimensões históricas e antropológicas da religião Igbo, a abordagem intertextual e interdisciplinar fortaleceu a leitura da obra principal, revelando-a como um ponto de convergência entre literatura, história, espiritualidade e identidade.

Diante da complexidade dos temas abordados, torna-se evidente que discutir os conflitos religiosos e culturais presentes em *O Mundo se Despedaça* é mais do que uma análise literária, é um ato de resistência e de conscientização. Em tempos marcados por intolerância, racismo e apagamento histórico, esta pesquisa reafirma a urgência de revisitar narrativas africanas, não apenas para compreender o passado, mas para iluminar o presente tornando possível um futuro igualitário e sem racismo.

Ao explorar a trajetória de Okonkwo e os elementos espirituais da cultura Igbo, este trabalho contribui para o resgate identitário e religioso de um povo cuja voz foi silenciada por séculos. Que esta investigação possa inspirar futuras pesquisas, ampliando o debate sobre os impactos do colonialismo e revelando novas camadas de significação, especialmente no estudo da oralidade, espiritualidade e religiosidade africana como ferramenta de perpetuação cultural.

Por fim, reafirma-se a importância de Chinua Achebe como um autor que não apenas rompeu silêncios, mas reconstruiu pontes entre mundos. Sua obra devolve dignidade ao povo Igbo e, por extensão, a todos os povos que lutam para manter viva sua memória e identidade, sua fé e sua história, especialmente aqueles que compõem a diáspora africana no Brasil, onde o legado cultural e religioso ainda resiste, apesar dos séculos de apagamento, lutas e sofrimentos continua a inspirar movimentos de reconexão, valorização e cura histórica.

## 11. REFERENCIAS

ACHEBE, Chinua. **An image of Africa: Racism in Conrad's Heart of Darkness.**

Disponível em: <<http://shs.westport.k12.ct.us/chia/AP!handouts/achebe.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2023.

ACHEBE, Chinua. **Esperanças e impedimentos: ensaios selecionados.** 1. ed. Americana. Nova York: Anchor Books, Random House, 1988. 164 p.

ACHEBE, Chinua. **Hopes and impediments: selected essays.** 1st American ed. New York: Anchor Books, Random House, 1988. 164 p.

ACHEBE, Chinua. **O mundo se despedaça.** Tradução: Vera Queiroz da Costa e Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 240 p.

ASANTE, Molefi Kete; MAZAMA, Ama. **Encyclopedia of African Religion.** London: Sage, 2009.

BARCELOS, Róbson R. **Autoconhecimento de crenças: espiritismo, racionalismo e racionalidade.** Disponível em: <[https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15093/dis\\_ppgfilosofia\\_2017\\_barcelos\\_robson.pdf](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15093/dis_ppgfilosofia_2017_barcelos_robson.pdf)>. Acesso em: 23 nov. 2023.

BARBOSA, S. L.; GOMES, C. S. A. **O mundo se despedaça na sala de aula: contranarrativas, olhares por dentro e o ensino de história (da África) e literatura.**

Disponível em:

<[file:///C:/Users/Usuario/Downloads/hectorscalixto,+O+mundo+se+depeda%C3%A7a\\_Tempate+2018\\_140-158.pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/hectorscalixto,+O+mundo+se+depeda%C3%A7a_Tempate+2018_140-158.pdf)>. Acesso em: 24 nov. 2023.

CHAGA, Alessandra Santos. **Literatura, imagem e resistência: O mundo se despedaça e o resgate das memórias ancestrais.** Sankofa – Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana, São Paulo, ano XV, n. XXVI, jan. 2022.

CHAGAS, Santos Alessandra. **Literatura, imagem e resistência: O mundo se despedaça e o resgate das memórias ancestrais.** Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/194849/180006>>. Acesso em: 20 nov. 2023.

EDWARD, W. S. **Cultura e imperialismo**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 505 p.

JAGUN, Márcio de. **Orí: A cabeça como divindade**. Rio de Janeiro: Litteris, 2014. 248 p.

LUGIRA, Aloysius Muzzanganda. **African Traditional Religion (World Religions)**. 3. ed. New York: Infobase Publishing, 1999.

NDIUKWU, A. Eberechukwu. **Authenticity of belief in African (Igbo) traditional religion: A critical appraisal in the light of Christian faith**. Frankfurt am Main; Berlim; Berna; Bruxelas; Nova York; Oxford; Viena: Peter Lang, 2014. 397 p.

PARADISO, Silvio Ruiz. **Entre a cruz e a espada: A questão da conversão religiosa na literatura pós-colonial**. Anais do SILEL, Uberlândia: EDUFU, v. 2, n. 2, 2011.

PARADISO, Silvio Ruiz. **Religião e religiosidade nas literaturas africanas pós-coloniais: Um olhar em Achebe e Mia Couto**. Mogiguaçu: Editora Becalet, 2019. 445 p. <Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=8uimdwaaqbaj>>. Acesso em: 09 out. 2023.

RUFINO, Luiz; SANTOS, Marina Miranda. **Racismo religioso: política, terrorismo e trauma colonial. Outras leituras sobre o problema**. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/49125/28627>>. Acesso em: 24 nov. 2023.

SAAKANA, Amonaba; BEN-JOCHANNAN, Yosef et al. **African origins of the major world religions**. 2. ed. London: Karnak House, 1991.

SANTOS, Eumara dos Maciel. **A tessitura da palavra: Um estudo sobre a oralidade africana na obra literária de Amadou Hampâté Bâ**. Salvador, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/31955/1/tese%20%20eumara%20maciel%20-%20po%cc%81safro%20-%20ufba.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2023.

SILVA, C. Alberto. **A enxada e a lança: A África antes dos portugueses**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022. 960 p.

SILVA, Morais Amoras Noshua. **Notas sobre a obra “O mundo se despedaça” de Chinua Achebe.** Disponível em: <<https://filosofia-africana.weebly.com>>. Acesso em: 04 out. 2023.

VIEIRA, Camila Cantanhede. **O mundo vivido à margem: Espaço e lugar em contos de Chimamanda Ngozi Adichie.** São Luís – MA, 2021. Disponível em: <<https://tede2.ufma.br/handle/tede/4232>>. Acesso em: 19 nov. 2023.